

VAMOS FALAR O Acreanes

Pedro Ranzi



Edufac



VAMOS FALAR  O

Acreanes



Pedro Ranzi



Edufac

Ao povo acreano, fonte de minha inspiração
e de minhas conquistas...



Edufac

Vamos falar o acreanês

ISBN:978-85-8236-046-0

Copyright © 2017 by Pedro Ranzi

Editora da Universidade Federal
do Acre-Edufac

Rod. BR 364, KM 04, Distrito Industrial
69.920-900. Rio Branco-Acre.

Diretor

José Ivan da Silva Ramos

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico e Capa

Enilson Amorim de Lima

Revisão Técnica

João Batista de Sousa

Conselho Editorial

Presidente

José Ivan da Silva Ramos

Vice-Presidente

José Porfiro da Silva

Membros

José Mauro Souza Uchôa
Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Tiago Lucena da Silva
Bruno Pereira Da Silva
Jacó César Piccoli
Adailton de Souza Galvão
Antônio Gilson Gomes Mesquita
Yuri Karaccas de Carvalho
Manoel Domingos Filho
Eustáquio José Machado
Lucas Araújo Carvalho
Fábio Morales Forero
Raimunda da Costa Araruna
Carla Bento Nelem Colturato
Simone de Souza Lima
Damián Keller

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborada pela Biblioteca da UFAC

R214v Ranzi, Pedro, 1947-
Vamos falar o acreanês / Pedro Ranzi. Rio Branco: Edufac, 2017.
112p.; 15 X 20 cm.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-8236-046-0

1. Língua portuguesa - Regionalismo (Acre) - Dicionários. I. Título.

CDD: 469.798112
CDU: 81'374(038)(811.2)

Contatos com o autor:
e-mail: pranzi@tjac.jus.br
Telefone: (68) 3212-4476


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Prefácio

“Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora”.

Voltaire

O autor do presente trabalho nasceu em Soledade, no Rio Grande do Sul, a famosa e querida terra dos Pampas Gaúchos. E foi exatamente dessa terra do aipim e da bergamota, de expressões tão características do falar gauchesco, como *A la putcha, a leite de pato, alumiar as ideias*, dentre tantas outras, que, intimoratamente, decidi vir para o Acre. E como nunca foi de *afroxar o garrão*, embarcou num velho e eficiente DC-3, das Linhas Aéreas Cruzeiro do Sul, aqui desembarcando, em 19 de fevereiro de 1969, por volta das 17 horas de uma tarde mormacenta, no antigo aeroporto, hoje bairro que lhe empresta o nome: Aeroporto Velho.

A primeira impressão foi a de estar chegando a uma cidade acolhedora, onde as pessoas falavam com o tom de voz baixo e agradável. Nesse entrementes, começou a ter os primeiros contatos com palavras e expressões bem diferentes das que constavam de seu repertório. Notou que não havia pontes para a travessia do rio, o que era feito em catraias. Os carros eram os jipes, as rurais. E foi exatamente num velho jipe do Padre José que se deslocou do aeroporto para o centro da cidade, trajeto feito pela rua Rio Grande do Sul, hoje com sua maior parte desbarrancada pelo efeito do “papouco”.

No dia 22 de fevereiro do mesmo ano, embarcou para Cruzeiro do Sul, pousando a aeronave em Sena Madureira, Feijó, Tarauacá e, finalmente, na terra prometida, a capital do Juruá. O desembarque ocorreu no antigo aeroporto construído por Mâncio

Lima, hoje solo edificado com muitas residências e diversos prédios públicos.

O impacto foi grande: o calor intenso, a umidade, a alimentação, as construções, a diferença cultural. E, sobretudo, a linguagem.

A maioria das casas era coberta de ubim, a água era retirada das cacimbas e transportadas por um “caminho d'água”. Nessa época, a produção da hévea estava no seu auge: balsas e mais balsas de pelas descendo os rios, e no Juruá não era diferente. E tudo isso destoava de suas experiências nos pampas brasileiros.

Mas, como se disse acima, nosso intrépido soledadense nunca fora homem de desistir de empreitada. Se precisava viver no Acre, tinha de conhecer o acreano, seus hábitos, seus costumes, suas características e, principalmente, seu linguajar. Sim, porque para ele complicado era entender “distentar cheque”, “abaixar a língua”, “abraçar taxi”, dentre tantas outras expressões de largo uso da gente acreana.

E foi justamente por sentir essa necessidade que, hoje, passados mais de quarenta anos de anotações, pesquisas, vivência do dia a dia, andando por seringais, navegando em lagos, rios e igarapés, em visita a casas de seringueiros e ribeirinhos, sempre por estes acolhido com muita alegria, faz vir a lume este modesto trabalho, por entender, como Joaquim, Maná Kaxinawá, que “falar de questão linguística é falar de cultura, é falar de identidade”. Exatamente o que se propõe este modesto *vade-mecum*”, fruto de trabalho de pesquisa, conversas e andanças.

Apresentação

VAMOS FALAR O ACREANÊS é um misto de dicionário e expressões regionais do acreano, ante a influência da linguagem de imigrantes nordestinos que vieram trabalhar nos seringais, assim como outras vozes de múltiplas origens.

Marrapaz, à vara e a remo e aos emboléus, carregando um *jamaxi*, apresento este trabalho, após percorrer, por mais de quatro décadas, estradas de seringa, varadouros e colocações, conhecendo o jeito de falar, de se expressar, seus costumes.

Justifica-se ao final, o uso do acreanês, com amparo na Lei Estadual Nº 3.148/2016, que instituiu o termo “acreano” como gentílico oficial do Estado.

O Autor

Rio Branco, junho de 2017

A

ACREANO/acreanês

ABACABEIRA. s. Palmeira com cujos frutos se preparam papas, mingaus e vinhos. Abacaba; bacaba.

ABAFAR. v. Furtar, afanar, pegar as coisas alheias.

ABAGAÇAR. v. Moer, triturar, reduzir a bagaço.

ABAIUCADO. *adj.* Refere-se a baiuca, a festa.

ABAIXAR A LÍNGUA. *expr.* Diminuir a voz, prender a língua. “Menino, abaixe a língua, respeite a sua mãe”.

¹**ABANCAR.** v. Correr em fuga, ou em perseguição a alguém.

²**ABANCAR.** v. Sentar no banco, na cadeira, no sofá. “Chegue e se abanque”. “Abanquem-se, a casa é de vocês”.

ABESTALHADO. *adj.* Condição mental a dois graus a estibordo em relação ao estado de abirobação e abestalhamento. Abestado, bobo, otário, tolo.

ABICAR. v. Encalhar propositadamente com a proa do barco, batelão ou canoa. Dirigir, apontar a proa, tocar, aproximar

ou chegar. Significa meter a proa da embarcação na terra. Encostar a canoa na terra firme. Usa-se também com o sentido de meter-se onde não se deve: “Abicar o focinho na vida dos outros”.

ABICORAR. v. Pastorar, paquerar, olhar com interesse escuso, com desejo sexual. “O Tonho estava abicorando a mulher do vizinho”.

ABIROBADO. *adj.* Abestalhado, amalucado, meio bobo, zuruó.

ABOBRINHA. s. Falar besteira, miolo de pote, coisa sem importância. “Estão falando abobrinha”.

ABOTICADO. *adj.* Olho aboticado, escancarado, espantado. O plural “ABOTICADOS” é mais frequente.

ABRAÇAR TAXI. *expr.* Quando o acreano tem uma tarefa inglória, protesta: “isso é o mesmo que se abraçar com taxi”. “Abraçar taxi” é uma expressão para designar uma situação dolorosa, uma tarefa espinhosa ou até o encontro com uma pessoa desagradável. Pode abusar da sentença, mas cuidado com a pronúncia: fala-se “ta-chi”

(com tônica no i), porque, se abraçar um 'táxi' você será atropelado, como em qualquer lugar do mundo. É também o nome de diversas árvores leguminosas da Amazônia, onde as formigas taxis se abrigam; taxizeiro.

ABRECAR. *v.* Agarrar, segurar. “O seu José abrecou o Ageu e disse tudo que tinha direito”.

ABRIR. *v.* Desistir. Sair correndo, no sentido de fuga. “Ele abriu a parada no meio do jogo”.

ABUFELADO. *adj.* Agarrado. “O Zé e o Chico estavam abufelados, que briga feia”! Abecado.

ABULETADO. *adj.* Sentado. “O João passou o dia todo abuletado na carroceria do caminhão, até chegar à boca da estrada”. Aboletado.

ABUSO. *s.* Nojo, asco, enjoo, repulsa. “Estou com abuso de cigarro perto de mim”. Tomar abuso.

AÇACU. *s.* Árvore de onde se extrai leite venenoso. Mata peixe, cega as pessoas e animais.

AÇAÍ. *s.* Palmeira, de cujos cachos de frutinhas escuras se retira o famoso “leite de açaí”; do tronco retira-se o palmito. Temos o

açaí de touceira, de diversos troncos, e o açaí de um tronco só. Os cachos são, em média, de três, mas pode chegar até oito cachos. Os caules medem em média 150mm, as raízes ficam expostas no tronco, junto ao solo. Açaizeiro.

A CARNE REINA E O CÃO ATENTA. *expr.* Vontade de manter relações sexuais.

ACAUÃ. *s.* A pequena, mas valente ave de rapina que enfrenta cobras e lagartos no Nordeste, também ocorre na Amazônia. Seu canto penoso “chama a seca para o sertão”, como diz a música de Luiz Gonzaga. Na Amazônia, também chama a alagação e outras calamidades para a floresta, segundo creem os seringueiros e ribeirinhos. Uma espécie de gavião. Acuã, cauã, uacauã.

ACERANDO. *v.* Gerúndio de acerar, ficar por perto de uma pessoa, arrodando, pastoreando, seguindo-a. Corruptela de “aceirando”.

ACERAR. *v.* Atear fogo no roçado ou no campo; no aceiro. Corruptela de aceirar.

ACOCHADO. *adj.* Apertado. “O nó

deve ser bem acochado, senão vai soltar”.

ACOCHAR. *v.* Agarrar alguém com intenções sexuais. O termo é usado também para cobrar uma dívida, ou o cumprimento de tarefa, trabalho ou serviço.

ACOITAR. *v.* Esconder, proteger alguém. Encobrir um namoro.

ACOLÁ. *adv.* Logo ali, mas às vezes não é logo ali, tem que andar muito. Usualmente fala-se no Juruá: “Vamos acolá”.

A COMO? *loc. adv.* “A como tá a farinha?” “Quanto custa o litro?” “O litro é R\$ 5,00”.

ACONTECIDO. *s. e adj.* Particípio de “acontecer”. Relatar um fato, uma briga, um acidente, algo trágico. Que aconteceu, acontecimento.

ACRE. *s.* Todos sabem o que é o Acre. O que parece que ninguém sabe é por que esse tão belo e bravo rincão amazônico e brasileiro se chama Acre. Primeiro, que fique claro que o nome do nosso querido Estado não tem nada a ver com a medida agrária que muitos não sabem quanto mede; e muito menos com amargo, ácido, azedo ou

enjoativo. O nome Acre provém do rio Acre, que, em tupi, se grafa Aquiry: rio dos jacarés, na língua dos índios apurinãs. Os apurinãs foram os primeiros dos povos indígenas contados pelo primeiro navegador deste rio, o cearense João Gabriel de Carvalho Melo.

ACREANÊS. *s.* A linguagem dos acreanos.

AÇÚCAR GRAMIXÓ. *s.* Açúcar mascavo, açúcar preto, que é comercializado em paneiro de cipó forrado com folhas de sororoca. Um paneiro de açúcar pesa em média 15 a 18 quilos. Ver gramichó.

ACUNHAR. *v.* Chegar junto, agarrar. “Acunha uma aí!”. Tocar uma moda com o violão ou a sanfona.

ACURAWA. *s.* Afluente do Rio Tarauacá.

AFOGAR O GANSO. *expr.* Manter relação sexual. Copular.

AFOLOZADO. *adj.* Grande, largo, além do tamanho, frouxo, folgado. “O teu sapato está afolozado no pé”. Sapato feito de leite de seringa (látex). Põe-se o leite no molde de madeira, para secar ao sol. Tem largo uso entre os

seringueiros. Atura mais de ano, ou seja, a durabilidade é de mais ou menos um ano de uso.

AGÁ. s. Papo furado, conversa mole, falso propósito, com outras intenções. “O Zezinho só tem agá, não quer nada comigo”.

AGARRO. s. Ato de namorar de modo escandaloso, sem pudor, para o local.

AGONIADO. *adj.* Indivíduo com pressa, inquieto, nervoso.

ALAGAR. v. Significa inundar(-se); naufragar. A canoa, porém, não naufraga, alaga. Na saída do cinema, “seu” Pedro Veras disse: “*Marrapaz, não entendo como uma embarcação como esse Titanic pôde alagar*”. Usa-se também quando há muita comida ou bebida, “para comer da largura da boca”, como diz meu amigo de Cruzeiro do Sul, o Edu (Eduardo Gomes da Costa): “Alagou de cerveja”.

ALMENO. *adv.* Um pouquinho. Ao menos. Pelo menos.

ALOJAR. v. Golfar, expelir em golfadas; o mesmo que vomitar. “O menino alojou em mim”.

ALOPRADO. s. e *adj.* Exagerado. Portador de pênis de compleição avantajada; que tem um picão.

Diz-se do indivíduo meio maluco, doido. Homem de grande estatura.

ALUÁ. s. Bebida fermentada da casca do abacaxi.

ALVOROÇO. s. Agitação, balbúrdia, confusão, entusiasmo, gritaria, pressa, revolta, sobressalto, tumulto, veemência.

AMANCORNADO NUM CAMBÃO. *expr.* Aguentar um mala sem alça; carregar um peso com dificuldade; estar mal acomodado; mal sentado.

AMARELO EMPAMBADO. *expr.* Pessoa com certa palidez, fraco, que sofreu com a malária ou outra doença. Indivíduo mal alimentado, aparenta fraqueza. Diz-se também: “amarelo empombado”.

AMARFANHADO. *adj.* Diz-se de coisa lisa que mudou de forma, ou ficou vincada ou enrugada, por efeito de compressão; machucado, amarfanhado, amassado, com traços fisionômicos irregulares, achatados, contundido.

AMARRADO. s. e *adj.* Indivíduo miserável, seguro, mão-fechada. Avaro.

AMAZÔNIDA. s. Pessoa, bicho ou qualquer coisa com forte traço

cultural da Amazônia. Veja que isso tem um sentido bem diferente do termo amazônico, que remete mais a uma condição geográfica. Na floresta amazônica, o seringueiro é amazônida.

AMIGADO. *adj.* Vive junto, não é casado, vive maritalmente. Companheiro. Amancebado. Amasiado.

AMOACA. *s.* Índio arredio. Na verdade, 'amoaca' é uma palavra indígena de significado carregado: povo baixo, povo sem valor. Corruptela de "amauaca".

AMOFAMBADO. *adj.* Escondido; reservado. Namoro escondido. Corruptela de "amofumbado" ou "mofumbado".

AMOFINADO. *adj.* Que se amofina, que se irrita. Raivoso.

AMOITADO. *adj.* Escondido. "A caça tava amoitada, na espreita, mas os cachorros botaram pra correr".

AMORGADO. *adj.* Adormecido. Sonolento, cansado, morgado. Exausto, indisposto.

AMORRHADO. *adj.* Estar com morrinha, mal-estar, dor, febre. O mesmo que "morrhado".

AMPULETA. *s.* Ombreira, almofada. "O Mário está com a ampuleta do paletó amassada".

AMUADO. *adj.* Mal-humorado, com raiva, emburrado.

ANGU. *s.* Briga, confusão, intriga.

ANGU DE CAROÇO. *s.* Algo que dá resultado contrário ao combinado ou previsto.

ANTA. *s.* Maior mamífero da mata. Temos a anta rosilha, que é a maior, e a preta. A anta, antes de deitar-se, deixa uma porteira, pisa de ponta de pé, anda na forma de um oito, para ver quem passa, para estar atenta ao perigo, enganar o perseguidor. Usa-se para pessoa grosseira, sem educação, pouca inteligência, burro. "É uma anta".

ANTRO. *s.* Cova profunda e escura; caverna, furna, gruta, lugar esquecido, sem movimento, longe, distante. Ambiente propenso a corrupção.

AOS EMBOLÉUS. *expr.* Na marra, aos trancos e barrancos, sem o devido cuidado ou cautela; à toa.

APAPAGAIADO. *adj.* Irrisório, ridículo, extravagante, enxerido. Vestir-se com roupas

coloridas. Diz-se do indivíduo cheio de graça, que faz troça, apresentado, boçal. Indivíduo que conversa demais.

A PASSO DE CRÃ, SE NÃO ACABAR HOJE, ACABA AMANHÃ. *expr.* Realizar serviços, tarefas ou trabalhos devagar, sem pressa.

A PERIGO. *loc. adv.* Liso, sem dinheiro. Há muito tempo sem manter relações sexuais.

APERREADO. *adj.* Apressado, em situação difícil, muito nervoso, estressado. Apertado. “Estou aperreado por dinheiro”. Usa-se também “aperreio”: “Estou num aperreio danado!”.

APETRECHOS. *s.* Objetos outros, objetos para a execução de um empreendimento ou de uma tarefa.

APLUMAR. *v.* Arrumar. Tomar o caminho certo. “Apluma o barco no rumo da boca do igarapé”. Aprumar, com lambdacismo, ou seja, troca do “r” pelo “l”.

APORRINHAR. *v.* Incomodar, encher o saco, perturbar. Atazanar.

APRESENTADO. *s. e adj.* Sujeito enxerido, metido à besta, boçal, que faz papagaiadas. Metido.

A PRÓPRIA. *s.* Referindo-se a certa pessoa, que se sente com ar de superioridade ou que tenha conseguido realizar um certo feito. Usa-se também “o próprio”.

A PULSO. *loc. adv.* Obrigado a realizar certa tarefa, estudo ou trabalho. Usa-se também “na marra”. Acontragosto.

AQUARIQUARA. *s.* Árvore de excelente madeira de lei usada em estacas, palanques, esteios, vigamento de casas, barracões. O mesmo que “acariquara”, acariquara e aguariguara.

AQUIRY. *s.* Rio dos jacarés. Ele largou do Purus, cruzou a boca do afluente desconhecido e inaugurou o Acre, porque Camiquã disse Aquiri, mas deu por escrito, que índio não usava cartão de visitação. Então João Gabriel escreveu para Belém do Pará dando as boas novas e pedindo mantimentos ao Visconde de Santo Elias, que leu Acre, onde o cearense tentou escrever Aquiri. Homem da portuária de Belém do Grão-Pará, o Visconde ainda pode ter sido induzido pela lembrança ou referência do porto de Acre, ou São João de Acre, no Oriente

Médio. Nome assinado, o Reino de Acre marcou com sua própria queda o fim das Santas Cruzadas em 1291. Nosso Acre também tem grande destino, marca à parte o homônimo do Oriente, o estado mais ocidental do Brasil seria Aquiry, não fossem as mal traçadas linhas de João Gabriel de Carvalho Melo, cuja caligrafia sofrível fez o Visconde ler quatro letras onde deveria enxergar seis, e assim surgiu o topônimo Acre.

ARABU. s. Mistura de ovo cru batido em neve, com gema e tudo, mais farinha e açúcar gramixó. É um dos acompanhamentos mais nobres da cozinha nativa da floresta, servido com caça ou peixe. Na necessidade, come-se puro. O arabu mais apreciado era feito com ovo de tracajá e tartaruga, mas hoje a consciência ecológica e o rigor da lei aconselham que se faça mesmo com ovo de galinha, mas galinha caipira. O arabu também é conhecido na região do Juruá por mujangué ou mujanguê.

ARAÇARI. s. Ave da família dos tucanos. Tucano pequeno, alimenta-se de frutos e gosta de comer os ovos de outros

pássaros.

ARACUÃ. s. Ave de cor negra, tem semelhança com o jacu.

ARATACA. s. Arapuca, usa-se tal e qual este sinônimo é usado no Brasil. Assim como um caçador mineiro arma uma arapuca para pegar uma paca, o seringueiro arma uma arataca. No seringal não há carne todos os dias, daí a necessidade de caçar os animais silvestres.

AR DE VENTO. *expr.* Lufada ou golpe de ar. Resfria a pessoa subitamente.

AREADO. *adj.* Diz-se do indivíduo que está perdido, desorientado, tonto, zonzó.

AREAR. v. Deixar as panelas brilhando. No seringal ou na colônia, lavam-se as panelas e os pratos com areia e folhas secas, na beira do igarapé ou no jirau. A pronúncia frequente é “ariar”.

ARENGAR. v. Aporrinhar, brigar, discutir, implicar, insultar.

A RETALHO. *loc. adv.* Compra e venda por partes ou em pequenas porções. Venda no varejo. Na cidade de Cruzeiro do Sul, vende-se cigarro e perfume a retalho. Um ou dois cigarros e uma “cheringada” de perfume. Espargir

perfume, “cheringar”. Tudo lá na Banca do Nezinho.

ARMADOR. *s.* Onde se prende ou se arma a rede para dormir. O armador é pregado na parede de madeira ou chumbado na alvenaria, com cimento.

ARRAIA. *s.* “Bicho de casco”, com dentes no céu da boca agudos e penetrantes que arrancam chamboque de carne ou peixe, com ferrão no rabo. Temos os tipos: vermelha e preta com pinta, que é a mais venenosa. Ser ferrado de arraia é sentir dores insuportáveis, febre, geralmente na região baixa da perna ou do pé. Também se diz “raia”. Bicho temido pelos pescadores.

ARRANQUE. *s.* Papo, conversa mole, promessa falsa. “Afirma que faz, mas nada faz”. “Só tem arranque”. Enganação.

ARRE ÉGUA! *interj.* Expressão de espanto. Pode ser de alegria, euforia. Trata-se aqui da interjeição **ARRE** mais a interjeição **ÉGUA**, esta trazida para o Acre pelos nordestinos.

ARREGANHADO. *adj.* Indivíduo com os dentes à mostra. Mulher arreganhada, quando está com as pernas abertas mostrando as

partes íntimas. Geralmente quando estão lavando roupa na beira do rio ou do igarapé, estão arreganhadas.

ARRETADO. *s. e adj.* Diz-se do indivíduo disposto, topa qualquer parada, cabra arretado, cumpre seus deveres. Voluntário para as tarefas e afazeres.

ARRIADO. *adj.* Doente. Muito apaixonado. Diz-se “Apaixonado com os quatro pneus arriados”.

ARRIAR. *v.* Descer a carga. “Arrie as pelas de borracha dos burros, já é tarde, vou preparar a janta”. Usa-se frequentemente “Arrie” (de Arrear) em lugar de “arrie”.

ARRODEAR. *v.* Dar a volta. “Arrodeia pelos fundos, a casa tá limpa”. Usa-se “arrudiar”. O mesmo que rodear.

ARROJOU PEIXE. *expr.* Dia em que os peixes estão na desova. Nas primeiras águas, nas enxurradas para a reprodução. Os peixes fazem muito barulho, zoadas, pelo encontro dos machos com as fêmeas.

ARROMBADA. *s.* Moça que perdeu a virgindade.

ARROMBADO. *adj.* Competente, muito bom. “Eita sujeito arrombado!”

ARRUMAÇÃO. *s.* Mentira, invenção para prejudicar outra pessoa.

ARUÁ. *s. e adj.* Pessoa apalermada; imbecil. Tolo.

ARUMÃ. *s.* Qualidade de taboca fina que é empregada na feitura de peneiras. Taboca amarela.

ARUPEMA. *s.* Peneira feita de taquara e cipó. Corruptela de arupemba. Diz-se também urupemba, urupema, gurupema e jurupema.

ASA DURA. *expr.* Avião. “Vou viajar no asa dura”.

ASSONSADO. *adj.* Indivíduo sonso, fingido.

ATACADO. *s. e adj.* Indivíduo doente que sofre distúrbios, qualquer tipo de ataque. Doido.

ATÉ. *interj.* Ato ou efeito de se despedir de quem parte em viagem, ou quando se afasta de uma pessoa antes da partida, ou quando se sai da casa, “*barraca*” de uma pessoa amiga. Usa-se comumente “até, té, ou inté”. Na realidade trata-se de redução de “até logo”.

ATENTAR. *v. inco mod ar,* perturbar.

ATÉ O TALO. *expr.* Todo, completamente. Encha o tanque do carro até o talo, ordena-se ao frentista no posto de combustível.

ATÉ PARECE... *expr.* Dúvida, inacreditável.

ATOCHAR. *v.* Mentir. Dizer mentiras, inventar histórias. Usa-se também com o sentido de “atolar”: “atochou o pé na lama”.

ATOLADO. *adj.* Endividado. Fulano vive atolado em dívidas.

ATOLEIMADO. *adj.* Abestalhado, abobalhado. Descuidado.

ATRAVESSADO QUE NEM PAU DE LATA. *expr.* Fora de ordem, subvertido, ao avesso. Quando não existia água encanada, encomendava-se “um caminho d’água”, ou seja, duas latas de querosene abertas e um pedaço de madeira para sustentá-las e carregar. Existia a figura do **carregador** de água, que se ia buscar na cacimba, no igarapé ou no rio. O mesmo que “Atravessado que nem pau de porteira.”

AVALIE! *interj.* Imagine! Pense!

À VARA E A REMO. *expr.* Com muito esforço, com dificuldade. “À vara e a remo chegamos ao fim da viagem, apesar do rio seco”.

AVE. *s. e adj.* Usa-se para designar animais cavалares, muares e para pessoas. Matreiro, esperto, finório, arisco, astucioso.

AVEXADO. *adj.* Apressado ou que caminha a passos rápidos: “Vai avexado, hein!” Indivíduo que conta muita história e mente muito. O mesmo que “vexado”.

AVIA! *interj.* Se apresse! Seja mais rápido! Te avia!

AVIADO. *s.* Aquele que negocia por sua conta ou de outrem; seringueiro que tem certo número de homens trabalhando por sua conta em seringal de outrem. Fornecedor, revendendo ao comissário de seringueiros.

AVIAMENTO. *s.* Mercadoria que o aviador ('fornecedor') fornece ao

aviado ('seringueiro') de gêneros alimentícios, utensílios ao trabalho da extração do látex; provisão.

AVIÃO SEM PAIETA. *s.* Avião a jato. Na década de setenta, ao observarem o famoso avião Caravelle que pousou no antigo aeroporto do 2º distrito de Rio Branco, algumas pessoas levaram um susto e afirmaram. “Vai cair, vai cair... não tem paieta”. Na época só se via avião de hélice, “paieta”. Palheta, com despalatização.

AZOGUE. *s.* Metal que contém ímã. Ímã. Corruptela de azougue.

AZUCRINAR. *v.* Aborrecer. “Esse menino está me azucrinando, desde manhã cedo”.

B

BABA DE PINTO NÃO É GOMA ARÁBICA. *expr.* Significa que a coisa, a tarefa ou serviço não é fácil de fazer ou de realizar. Dificuldade para cumprir certas obrigações.

BABÃO. *s.* Puxa saco. Baba-ovo.

BABUGEM. *s.* Resto de comida. Comida mexida. “Nem jantei, a comida já estava babujada”; ou seja, só restos.

BACABA. *s.* Fruto comestível da bacabeira. Palmeira.

BACIO. *s.* Penico, urinol.

BACULEJO. *s.* Revista efetuada por policiais. Batida da polícia. “Vamos dar um baculejo nessa rapaziada, para ver se tem arma e droga”. Provável corruptela de “bacorejo”.

BACURAU. *adj.* e *s.* Indivíduo que costuma sair só à noite. Pessoa esquisita. Designação comum a várias aves caprimulgiformes, caprimulgídeas, comumente encontradas à noite nas estradas e caminhos; sob luz seus olhos parecem de cor avermelhada. Olho de fogo.

BACURI. *s.* Fruto comestível do

bacurizeiro, de cor amarelada e ácido. É muito usado no preparo de doces.

BADALO. *s.* e *adj.* Pessoa que fala muito, fala pelos cotovelos. Diz-se: “fulano está com o badalo solto”; falante.

BAÉ. *s.* e *adj.* Porco de raça pequena. Variedade de banana em que os cachos atingem o chão. Usa-se para homem pequeno, baezinho.

BAFAFÁ. *s.* Briga, baderna, confusão. “Lá embaixo tava um bafafá que só”.

BAGANA. *s.* Ponta do cigarro fumado. Também chamada de vinte.

BAGINHA. *s.* Bagem silvestre pequena, de cheiro agradável, atrativo para roedores, principalmente as cutias e pacas. No Acre temos a paca do tipo mirim, de até cinco quilos, e a paca concha, em virtude de uma saliência no queixo. Esta pode pesar até doze quilos. Arma-se a rede para abater a caça. “Esperar”, permanecer na espera aguardando a vinda do animal e

abatê-lo com arma de fogo. Existe, ainda, a paca de rabo, conhecida por pacarana.

BAIÃO DE DOIS. s. Arroz e feijão, mais uma mistura, carne, frango ou peixe.

BAITOLA. s. e *adj.* Homossexual. Pederasta passivo.

BAIUCA. s. Festa frequentada por pessoas de baixo nível social. Bordel.

BAIXA-DA-ÉGUA. s. Lugar distante, longe. Usa-se para desabafo ante uma aporrinhação. “Vá pra baixa-da-égua”. Em Cruzeiro do Sul, cidade do Acre, existe um bairro com esse nome, hoje se chama “Baixa”.

BAIXARIA. s. Comida regional. Pão de milho, carne moída, ovos fritos e cheiro-verde. É o quebra-jejum dos acreanos. Comida de “sustança”.

BAJOLA. s. Barco pequeno, na região do Juruá.

BAJULADOR. s. e *adj.* Que bajula; adulator, adulão, aduloso, babão, baba-ovo, banhista, cheira-cheira, corta-jaca, chupa-caldo, cafofa, chaleira, engrossador, enxuga-gelo, escova-botas, incensador, lambedor,

lambe-botas, lambe-cu, lambe-esporas, lambeta, lambeteiro, puxa-saco, sabujo, xeletéu, xereta.

BALADEIRA. s. Pequeno brinquedo de criança. Serve para passarinhar. Estilingue, atiradeira. Feito de uma forquilha de madeira, duas tiras de borracha, amarradas num pedaço de couro, onde é colocada uma pequena pedra ou bolinha de barro, para ser arremessada.

BALAÚSTRE. s. Haste de madeira à entrada da embarcação (batelão) para que os passageiros apoiem-se no momento do embarque ou desembarque.

BALSEIRO. s. Tronco de árvore ou emaranhado de troncos e galhos que descem nas corretezas dos rios, nas alagações, nas águas grandes. Mas o termo permite insinuações. Certa feita, um colunista social alvoroçou o *high-society* local com a seguinte notinha: “Amor à beira rio. Na correnteza, a mão desceu e topou no balseiro”. Todos sabiam que, no tradicional Baile Vermelho e Preto, um político muito conhecido havia apalrado uma

novata na cidade. Era um travesti.

BAMBURRAD. *ad.* Endinheirado, forrado, com muito dinheiro.

BANANA. *s. e adj.* Pessoa mole, que não tem coragem. Molenga, frouxo, medroso.

BANHO. *s.* Local de lazer. Balneário. O mais famoso em Cruzeiro do Sul - AC é o Igarapé Preto, próximo ao Aeroporto.

BANHO DE CUIA. *s.* Lençol, no jogo de futebol: passar a bola por cima do adversário e pegar no outro lado. Tomar banho com a cuia do coité, jogando água no corpo.

BANHO THECO. *loc.* Banho rápido, só se lavam as partes mais pudicas, mais íntimas. Theco, theco...

BANIDO. *adj.* Estragado, apodrecido. Expulso. Fiquem tranquilos, pois apesar das possibilidades oferecidas pelas fronteiras internacionais com a Bolívia e o Peru, o Estado do Acre não costuma banir ninguém, sendo uma terra boa e hospitaleira. Banido é o termo usado na gastronomia acreana para designar alimento estragado, passado. Diz-se: “Esse peixe está banido”. A carne mal salgada fica

puba, banida.

BANZEIRO. *s. e adj.* É o movimento das águas do rio, na forma de pequenas ondas provocadas pela passagem de uma embarcação ou efeito do vento. “Foi o banzeiro daquela lancha que alagou minha canoa”. “Ou também, repara que show de moça, se balança que só banzeiro”. Diz-se de coisa embrulhada ou desordem, confusão. Forte. Agitado. Triste.

BAQUARA. *s. e adj.* Diz-se do indivíduo 'sabedor de coisas', esperto, sábio, vivo e atento.

BARAÚNA. *s.* No tupi significa madeira preta. A madeira quase negra, extremamente dura, é usada em obras externas e hidráulicas.

BARBETÃO. *s.* Capoeira grossa.

BARBETE. *s.* Capoeira fina. Usa-se na região de Brasileia, divisa com Cobija, Bolívia, ante a influência espanhola.

BARRACÃO. *s.* Grande barraca, abrigo ou telheiro, ou casa provisória, geralmente de madeira, para guardar utensílios; depósito. Estabelecimento comercial no campo ou em lugares pouco habitados. “Casa de

moradia do dono dos seringais ou de seu administrador, e que é, ao mesmo tempo, habitação, depósito de gêneros de primeiras necessidades, da borracha colhida nos 'centros', e loja para venda de gêneros, roupas, ferramentas e utensílios; local de aviamento dos seringueiros”.

BATELÃO. *s.* Embarcação regional, que serve para transportar pessoas, animais ou mercadorias. Construído de madeira, com motor de centro ou na popa (rabeta).

BATER A CAÇOLETA. *expr.* Morrer.

BATER BIELA. *loc.* Cansar-se, exaurir-se.

BATER FOFO. *expr.* Dar mole, negar fogo no ato sexual. A espingarda bateu fofo, não disparou o cartucho da broca, perdi a caça. Usa-se também para saber se uma madeira pode ser serrada, assim bate-se no tronco: se é fofo, sabe-se que é oca, não serve para ser aproveitada. Faltar a um compromisso.

BATER O CATOLÉ. *loc.* Não disparar (a espingarda). “O cartucho não deflagrou: bateu catolé e perdi a caça”. Não

funcionar (diz-se de armas de fogo).

BATER PANEIAS. *expr.* Quando na Cordilheira dos Andes acontece um terremoto, as ondas sísmicas se alastram pela Amazônia, já que nós estamos no sopé da cordilheira. O seringueiro ouve as paneias da cozinha baterem, e a esse efeito chamam de “bater paneias, ou tremer paneias”.

BATICUM. *s.* Barulho. Palpitação no coração, taquicardia. Usa-se também para batida de peixe n'água ou batida de jacaré, que usa a cauda para apanhar o peixe.

BATIDA. *s.* Bebida alcoólica, geralmente cachaça misturada com frutas, leite condensado e outros ingredientes, chamada também de: “leite de onça” ou “leite de tigre”.

BATORÉ. *s. e adj.* Pessoa pequena, de baixa estatura, geralmente gorda, atarracada. Baé.

BEBERAGEM. *s.* Cozimento medicinal, feito de cascas de plantas e folhas; remédio caseiro.

BEBER O MIJO. *expr.* Festejar, reunir os amigos e familiares, tomar umas e outras em

homenagem ao nascimento de uma criança.

BEBO. *s. e adj.* Indivíduo embriagado e caído ao solo. O mesmo que bêbedo e bêbado.

BEM-MANDADO. *adj.* Diz-se do indivíduo disciplinado, cumpridor de suas obrigações, obediente, submisso.

BENEFICIAR. *v.* Desconfie de certos benefícios, porque beneficiar significa castrar. Fala-se: -“Aquele tratador tem boa mão. Beneficia os garrotes e nem inflama”.

BERADEIRO. *s.* Caipira. Timidez. Provavelmente corruptela de beiradeiro (caipira, roceiro, homem rústico).

BERIBÉRI. *s.* Doença tropical, deficiência de vitamina B1. Febre alta, a pessoa cai no chão e fica se batendo, “bolando” de dor. A pessoa fica 'passada', arranca os cabelos, nem sente, falta-lhe sensibilidade. O remédio conhecido era leite quente.

BERIMBELO. *s.* Objeto que balança, enfeite. Brinco na orelha, cordão com medalhão.

BESTA. *s. e adj.* Gente metida a importante. Orgulhosa. “Fulano,

agora que tem dinheiro, tá metido a besta.”

BICÃO. *s. e adj.* Indivíduo que não foi convidado para uma festa, entrou de bicão. Penetra.

BICHO. *s.* Diz-se de pessoa que come muito. “Come feito bicho”.

BICORAR. *v.* Espreitar; olhar de longe. Indivíduo que está espiando, olhando, espreitando. Usa-se para quem está olhando para outra pessoa, com interesses outros, inclusive namorar.

BILHA. *s.* Moringa. Vaso geralmente feito de cerâmica para se colocar água de beber. Vaso d'água. “Minino, vá lá na bilha pegar uma água fresca”.

BILORA. *s.* Ataque, desmaio, doença, mal-estar, surto. Usa-se pilora.

BILOTO. *s.* Carne crescida, verruga.

BINGA. *s.* Coisa sem valor. Bosta.

BIQUEIRO. *s. e adj.* Indivíduo sem apetite, que tem fastio, que quase não come.

BIRIBOBÓ. *s. e adj.* Amalucado, abirobado. O mesmo que biró.

BIRITADO. *adj.* Diz-se do indivíduo cheio de biritá, bêbado.

BIRÓ. *adj.* Diz-se do indivíduo

maluco, biruta, amalucado, abirobado. O mesmo que biribobó.

BIRRENTO. *adj.* Brigão, implicante, mal-humorado.

BISACO. *s.* Pequeno saco com alça, geralmente encauchado, ou seja, passa-se o leite do caucho ou da seringueira, depois é defumado, posto ao sol para secar, assim se torna impermeável, para não molhar o seu interior, onde são colocados pólvora, chumbo e espoleta, como também os cartuchos da espingarda para ir ao mato caçar. Mochila, bernal, saquitel, saquete para carregar pequenas coisas. Ver “boçoroca”.

BITOLA. *adj.* Medida padrão. “Esse prego deu na bitola”.

BIU-BIU. *s.* Ânus. Roda do olho do cu.

BOCADA. *s.* Lugar, localidade, rua, situação. O termo é usado quase sempre com certo ar de ênfase para sublinhar que o tal lugar é ruim, feio, desagradável. Local de venda de drogas.

BOÇOROCA. *s.* É uma bolsinha de pano, mais usada por homens, coberta de látex defumado. Tá

estranhando homem de bolsinha? Pois saiba que é na boçoroca que o mateiro leva os cartuchos de espingarda. Bisaco. O mesmo que voçoroca.

BODÓ. *s.* Espécie de peixe, cascudo. Bolinho de trigo, bolinho de chuva.

BOLAR. *v.* Ficar à toa, rolar por aí sem ter o que fazer. Perder o sono, bolar na cama ou na rede. Estar sem sono e com dores no corpo.

BOLE-BOLE. *s.* Brinquedo de crianças e adolescentes. Trata-se de um pedaço de linha ou cordão, com um pedaço de tijolo ou pedra na extremidade, fica-se girando para um romper a linha do adversário. Que nem briga de “papagaio”, pipa.

BONITO PRA TUA CARA! *expr. id.* Repreensão que se faz a outra pessoa. Chegar o marido em casa, de madrugada, sujo de batom, cheirando a extrato de quenga, a mulher diz: “Bonito pra tua cara!”

BORRACHUDO. *s.* Espécie de mosquito, que ferra, deixa marca no local e que suga o sangue, deixa coceira e até ferida. Usa-se para cheque sem provisão de

fundos.

BORRADOR. *s.* Livro de anotações em geral. No seringal anotava-se a produção de borracha de cada seringueiro e o fornecimento do aviamento.

BOTAR BANCA. *expr. id.* Julgar-se e se fazer de importante, quando na verdade não o é. Portar-se com empáfia, soberba.

BOTAR CURTO. *expr. id.* Esforçar-se ao máximo, para terminar uma tarefa ou trabalho.

BOTAR MAIS CURTO DO QUE PESCOÇO DE PACU. *expr.* Fazer o impossível; controlar bem a situação e perseguir o intento.

BOTAR NUM JEQUI. *expr.* Deixar a pessoa em apuros ou em situação difícil.

BOTAR OS PASSARINHOS PARA BRIGAR. *expr.* Manter relações sexuais.

BRABO. *s.* Seringueiro recém-chegado do Nordeste. Novato na região e ainda não afeito aos hábitos e ao clima da Amazônia. Ultimamente, a expressão vem sendo substituída por outra: *Arigó*. Usa-se quando se encontra uma dificuldade, pela navegação nas águas turbulentas dos rios,

igarapés ou nas estradas. “Aqui é brabo”.

BREADO. *adj.* Diz-se do indivíduo sujo, com falta de limpeza, emporcalhado.

BRECHAR. *v.* Espionar, espiar, olhar pelas brechas das casas, ou nos locais de banho, para ver o que está se passando.

BRECHEIRO. *s.* Indivíduo que gosta de brechar. É uma mania, costume. Se for em local de banho, os rapazes ficam se masturbando.

BREGUEÇOS. *s.* Objetos inservíveis. Cacarecos. Pertences.

BRENHAS. *s.* Mata brava, espessa e emaranhada; mata cerrada; matagal, selva. “Vamos para as brenhas”.

BRIBOTE. *s.* Salgadinho. Comida de rua, iguaria regional.

BRISA. *s. ou pron.* Pobreza, sem dinheiro, lisura. Nada.

BROCADO. *adj.* Com muita fome, com o estômago vazio. “Estou brocado; como a boia tá no jeito, põe na mesa”. Faminto.

BROCAR. *v.* Roçar na mata as árvores menores, para poder derrubar o mato. Brocar a capoeira. Roçar. Preparar a terra

para o cultivo.

BROCHOTE. *s.* Adolescente, rapazinho ou rapaz gordo e baixo, pessoa insignificante, sem valor; borra-botas, indivíduo atrevido, metediço.

BROCOIÓ. *s. e adj.* Diz-se do indivíduo desajeitado; caipira.

BRUGUELO. *s.* Filho, criança pequena. “Este é o meu bruguelo, meu bruguelinho”.

BUBUIA. *s.* Usado na expressão *de bubuia*. Descer levado pela correnteza. “O rio tá alagado, a correnteza forte está levando tudo de bubuia”. Boiar, no sentido da correnteza, rio abaixo, flutuar. Neste caso o remo só serve para “governar” a canoa, para guiar o barco. Com boa conversa também se pode levar alguém de bubuia.

BUCHEIRO. *s. e adj.* Homem que tem predileção por mulheres feias. Árvore que solta fiapos brancos. Algodoeiro, na vargem do rio.

BUCHUDA. *adj.* Que está grávida, prenhe (“prenha”). Usa-se também para denominar o tronco da árvore conhecida por paxiubão, que tem o aspecto de bucho.

BUFAR. *v.* Soltar um pum. Soltar

um peido, ventar.

BUFUNFA. *s.* Dinheiro. Gaita.

BUIÃO. *s.* É um troço como uma chaminé de ferro ou de barro usada na defumação da borracha. Adaptada sobre o fogo, dispersa o fumaceiro. Também na falência o sujeito vê toda sua vida desaparecer pelo buião. Os cavacos são de maçaranduba e breu, e este faz a melhor fumaça para defumar a borracha. Aparelho para defumar borracha.

BULIADO. *adj.* De aspecto arredondado. Boleado.

BURITIZEIRO. *s.* Palmeira imponente e vistosa, com grande ramagem. Os cachos são alongados, e dos frutos produz-se o “leite” de buriti, de cor amarelo-escuro, quase vermelho, toma-se como suco; de largo uso na fabricação de picolés e sorvetes. Buriti.

BURRA CHEIA. *expr.* Diz-se da pessoa endinheirada, bem financeiramente, forrada, bamburrada.

BURRO-PRETO. *s.* Motor de cor preta colocado na popa da canoa, adaptado com um cano de ferro comprido, rabeta, a fim de que

possam ser erguidos, a qualquer momento, caso haja perigo, troncos, galhadas ou pedras, para não quebrar a palheta, “paieta”. O motor burro-preto é o famoso motor Briggs & Stratton, uma marca americana de pequenos motores, em atividade desde 1908; esses motores foram apelidados no Acre de “Burro-Preto”. Os mais comuns eram os

de 6 e 9 HPs. Foram adaptados com uma “rabetá” e uma “paieta” para o uso em barcos, para navegar em rios e igarapés com pouca água. Eram contrabandeados do Peru para o Juruá, sendo o caminho feito a pé pelas estradas de seringa e varadouros. No rio Acre temos uma colocação conhecida por “Três Palhetas”.

C

CABA. s. Usa-se genericamente para abelhas ou vespas com ferrão. Maribondo.

CABELO PIXAIM. s. Cabelo duro, enroladinho, cabelo bufete.

CABELO XEXÉU. s. Cabelo tipo bombril. Cabelo ruim.

CABIDELA. s. Galinha cozida com sangue. Galinha ao molho pardo. Guisado feito com miúdos de ave.

CABIMENTO. s. Sentido. Não tem cabimento. Usa-se no sentido de indignação ou insatisfação. “Não tem cabimento um negócio desses”.

CABRA. s. Mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena, clara, indivíduo determinado; sujeito, cara, indivíduo forte, valente, capanga, jagunço.

CABREIRO. *adj.* Desconfiado com alguma coisa, algum fato; inseguro.

CAÇA GRANDE. s. Animais silvestres caçados comumente, para a alimentação. A anta, a queixada, o porquinho e o veado são definidos como caça grande.

CACARECOS. s. Objetos velhos e/ou bastante usados, sem valor; bagulhos, tarecos.

CACHOLETA. s. Peteleco dado com o dedo na orelha de alguém. Caçoleta.

CACHORRA. s. Espécie de peixe de escamas, com dentes caninos salientes. Diz-se da mulher sem caráter, ordinária, vil. Usa-se também para ferida braba, localizada geralmente na perna.

CACIMBA. s. Fonte d'água, mina d'água, poço. Na cacimba apanha-se água limpa para beber, leva-se para a casa um caminho d'água, duas latas de 20 litros, com um cambão. “Menino, vá na cacimba buscar um caminho d'água, o pote tá seco”.

CAÇUÁ. s. Cesto feito de cipó ou taboca.

CACUNDA. s. Lombo, tuntum.

CACURI. s. Cerca que se constrói nos igarapés para cercar os peixes; quando entram no cacuri, não podem mais retornar. Armadilha para os peixes. Uma das formas de pescaria.

CADÊ ou **QUEDE**. *adv.* Onde está o objeto ou coisa. Usa-se também quedê. Forma reduzida de “que é (feito) de”.

CADUCAR. *v.* Dar carinho a uma criança. Os avós geralmente ficam caducando com os netos.

CAGADO. *s. e adj.* Indivíduo com sorte. Ganhar na loteria sozinho. Sortudo.

CAGADO E CUSPIDO. *expr.* Quando o filho é igual ao pai. “Esse menino é cagado e cuspidor”. É forma popular de “encarnado e esculpido”.

CAGA-FOGO. *s.* Pírilampo, vaga-lume.

CAGUETAR. *v.* Fuxicar, entregar alguém. Denunciar uma pessoa para a polícia. Alcaguetar.

CAÍCO. *s.* Todo peixe miúdo, pequeno.

CAIÇUMA. *s.* Bebida fermentada da mandioca, macaxeira, feita pelos índios e caboclos. Mastigada e cuspidor, para poder fermentar.

CAIR NA CACAIA. *expr.* Cair no mato, fugir. Cacaia é mato fechado, ou resto de mato queimado.

CAITITU. *s.* Porco-do-mato,

porquinho. Temos o comum e o mondê, que é maior, apresenta uma listra branca. É também o nome que se dá à principal peça de um ralador de mandioca.

CAIU NA LAPA. *expr.* Saiu rápido, ligeiro, já vai longe, foi farrear.

CAIXA-PREGOS. *s.* Lugar de difícil acesso, lugar distante, no fim do mundo. Usa-se para um desabafo: “Vá pra caixa-pregos”.

CAJUÍNA. *s.* Bebida não alcoólica feita de caju.

CALAFETAR. *v.* Vedar as brechas, fendas ou buracos de barcos e canoas, com estopa ou panos mais piche e breu derretidos. Calafeto.

CALDEIRADA. *s.* Peixe cozido, com temperos. Com o caldo e farinha de mandioca, prepara-se o pirão escaldado.

CALDO. *s.* Mergulho forçado. “Afogar” por brincadeira a cabeça do amigo na água por várias vezes, como se estivesse afogando-o. Usa-se dar um caldo.

CALDO DE CARIDADE. *s.* Caldo à base de farinha, alho, pimenta do reino e manteiga. Caldo para ressaca ou pessoa enferma, ou para dar “sustança”, levantar o

indivíduo.

CALIBRADO. *adj.* Meio embriagado, mas a pessoa se mantém em pé. Bebido.

CAMBADA. *s.* Peixes amarrados em um cipó. “Trouxe uma cambada de pacu pro jantar”. Embirrica.

CAMBÃO. *s.* Peça de pau, geralmente de forma triangular, que se amarra ao pescoço dos animais bravios para impedir de correr, de fugir. Nome dado à peça de madeira ou de metal usada para amarrar e arrastar um veículo que está no “prego”, isto é, com defeito de funcionamento.

CAMBETA. *s. e adj.* Indivíduo de pernas tortas, cambota.

CAMBIROTO. *s.* Pequeno monte, parte mais alta das terras que se seguem às praias ou barrancas: - “O povoado fica bem perto do rio, mas depois da praia sobe um cambirote e daí é tudo terra firme, boa de morar”. Monte de argila, subida íngreme.

CAMBITO. *s.* Perna fina. Uma haste de madeira, com uma forquilha na ponta, serve para aparar a grama, para roçar de terçado, facão, muito comum no Juruá, antes da roçadeira, ainda

de largo uso.

CAMBOA. *s.* Saliência, vala na terra à beira dos rios, onde as águas das primeiras enchentes penetram.

CAMIRANGA. *s.* Urubu de cabeça vermelha, que anda geralmente sozinho na mata e na beira dos rios e lagos. Temos o urubu comum chamado de “Tinga”, de cabeça preta, encontrado nas cidades e nos lixões; e o urubu “Rei”, que é o maior, de cabeça vermelha como a do peru, inclusive as penas, branco e preto.

CAMU-CAMU. *s.* Frutinha de uma pequena palmeira. Tem grande teor de vitamina C.

CANARANA. *s.* Designação comum a diversas gramíneas dos gêneros *Paspalum* e *Panicum* (*Panicum spectabile*). Gramínea aquática, abundante nas margens dos rios, lagos e igarapés. Serve de alimento para gado, geralmente na época das cheias, quando o gado é colocado em locais altos, ou na maromba, para não serem atingidos pelas águas.

CANDIRU. *s.* Peixe pequeno, que ataca com ferradas. Diz-se que tem o hábito de entrar em qualquer

orifício do corpo humano.

CANECO. *s.* Ânus. Cu.

CANGALHA. *s.* Peça de três paus, unidas em forma de triângulo, que se enfia no pescoço dos vacuns, porcos, para não destruírem os roçados ou para não fugirem dos cercados. Há um formato próprio para se colocar no lombo do animal usado no transporte de carga.

CANGAPÉ. *s.* Pernada que se dá dentro d'água no momento do mergulho, golpe de pernas para cima dentro d'água. Diz-se também “plantar bananeira”.

CANINGAR. *v.* Colocar azar em alguém.

CANJICA. *s.* Mingau. Prepara-se com milho ralado, quase maduro, nele se colocam os ingredientes: leite, açúcar e canela.

CANSO. *s. e adj.* Cansaço, cansado. “Tô meio canso”.

CÃO. *s. e adj.* Indivíduo danado, de má índole. Sujeito danado feito cão. Usa-se também para designar demônio, diabo.

CAPAR O GATO. *expr.* Sair sem dar satisfação. Fugir, ir embora. “Encheu a cara de pinga, nem pagou a conta e capou o gato”.

Bater-se em retirada.

CAPARROSA. *s.* Designação do sulfato de ferro que se encontra às margens dos igarapés, lagos e açudes, e que provoca fortes frieiras e muita coceira na parte afetada. Rói-rói.

CAPEBA. *s.* Planta medicinal de folhas grandes. Serve para desinflamar e desinchar as pernas. Coloca-se sobre feridas com ataduras.

CAPELÃO. *s.* Macaco avermelhado. É o macho da guariba. Macaco velho e esperto que serve de guia ao resto do bando.

CAPIONGO. *adj.* Diz-se do indivíduo que anda pelos cantos; de astral baixo; triste.

CAPIROTO. *s.* Menino danado, traquinas. “Este menino está com o capiroto”. Diabo, demônio.

CAPITÃO. *s.* Bolinho de comida amassado e comido com a mão, geralmente feijão, arroz e farinha. Qual mãe não serviu um capitão para seu filho?

CAPOEIRA. *s.* Tipo de gaiola usada para transportar galinhas. Quase toda canoa, batelão que passa, leva uma capoeira cheia de galinhas. Na região e nas estradas

do Alto Acre, usa-se amarrar as galinhas e patos em um varal e transportá-los pelo lado externo dos veículos dos toyoteiros que, na falta de ônibus, transportam pessoas, produtos regionais, mercadorias e animais.

CAPOTE. s. Galinha-d'angola. Ganhar de capote é ganhar de goleada, no dominó ou em outra modalidade de jogo, com larga diferença. Dar de capote.

CAQUEADO. s. Maneiroso, jeitoso, para cumprir certas tarefas ou serviços. No Nordeste é usado com sentido de ato sexual, cópula. “Fazer o caqueado” significa, no ato sexual, as preliminares.

CARÁ. s. Espécie de peixe, comum nos lagos e açudes. Cará-açu, com pinta no rabo; cará mijão, cará barrão, cará biquara. O mesmo que acará.

CARA DE TACHO. *loc.* Desapontado. Sem saber o que fazer.

CARAPANÃ. s. Nome genérico para todo o mosquito (anófele). Ataca geralmente nos finais de tarde e à noite. No “inverno” amazônico, época das chuvas, atacam durante o dia. A malária é transmitida por esses mosquitos.

Agora temos o mosquito da dengue. Pernilongo. Embora seja masculina, a palavra é usada como substantivo feminino no Acre. “Acarapanã”.

CARNE MAGOADA. *expr.* Machucado, batido, dolorido, geralmente nas pernas ou braços. Usa-se também carne trilhada.

CARROÇÃO. s. Não deseje carona nele nem para seu pior inimigo. Carroção é gíria restrita à Colônia Penal de Rio Branco, onde, na madrugada, o “carroção passa” levando criminosos recém-chegados. “O ladrão foi passado no carroção”.

CASA DE FORÇA. s. Privada. Local onde se fazem as necessidades fisiológicas.

CASCAVETA. s. Pá carregadeira.
CASCAVIAR. v. Procurar muito, ir a fundo para ter uma resposta. Provável corruptela de “cascavilhar”.

CASCUDO. s. e *adj.* Indivíduo roceiro, sem educação, de pouco saber. Grosso. Ato de bater com os dedos na cabeça de alguém, usando os punhos cerrados.

CASTANHEIRA. s. Árvore frondosa, que produz a castanha

da Amazônia.

CATAR. v. Ação de tirar e matar piolhos, fato comum nos seringais, na zona rural e nas periferias das cidades do Acre. As mães ou as meninas mais taludas catam piolhos nos curumins ou nas meninas, “nos bichinhos”, no sentido de meninos.

CATOMBO. s. Tumor, inchaço, caroço.

CATRAIA. s. Barco de pequeno porte para conduzir pessoas em cidades e povoações de um lado para o outro de um rio ou igarapé. Com dois remos presos na lateral do barco, também chamada de “duas faias”. “Vá no porto da catraia me aguardar”. Em Rio Branco foi construída a Praça do Catraieiro, em homenagem a esses heróis anônimos que transportaram muita gente do primeiro para o segundo Distrito.

CATRAIEIRO. s. Homem que comanda a catraia. Remador.

CATREPE. s. Mesmo que calote. Estelionato; enganação.

CATREPEIRO. s. e *adj.* Indivíduo que dá catrepe, engana, não cumpre as obrigações, os contratos, os negócios.

CAUCHO. s. Você certamente já caiu na tentação de pagar mais barato por um pneu recauchutado, mas não entendia o porquê do “recauchutado”. Agora vai saber, pois muita gente pensa que caucho e borracha são a mesma coisa, mas existe diferença. Caucho é uma árvore prima da seringueira, que também produz látex. Mas também se chama caucho o produto primário, obtido pela coagulação do “leite”; esse caucho, enfim, é um tipo de borracha, mas com algumas propriedades físicas diferentes como a borracha natural feita com a defumação do látex da seringueira. – Agora você já tem erudição para se desculpar daquela amiga siliconada a quem chamou de “perua recauchutada”.

CAXA-PREGOS. s. Lugar distante, no fim do mundo. Usa-se para destratar alguém, no sentido de *vá embora, saia da minha frente*: “Vá pra caixa-pregos”. Corruptela de “caixa-pregos”.

CAXINGAR. v. Andar com dificuldade, puxar de uma perna. Mancar, coxear.

CAXINGUBA. s. Quaxinguba, cuaxinguba. Árvore frondosa da

família dos fícus. Chamam de “Alfe”, no Juruá. Seus frutos são alimentos para os animais e pássaros silvestres: macacos, antas, pacas, porcos, queixadas, veados, tucanos, papagaios, periquitos, entre outros. Conhecida também como gameleira, ou gamelinha, seu leite serve de remédio para tratamento da verminose, tanto para os animais domésticos, quanto para as pessoas. E também para curar ferida braba.

CENTRO. *s.* Lugar no meio da mata. Lugar de caçar. Ir para o centro é ir para a última colocação do seringal.

CERNAMBI. *s.* Borracha de má qualidade. Restos de leite coalhado nas “madeiras”, no pé das seringueiras. Houaiss aconselha grafar “sernambi”.

CEROTO. *s.* Cera retirada do ouvido. Sujeira acumulada na pele por falta de banho. Colar de sujeira que toda criança tem no pescoço.

CHÁ-DE-BURRO. *s.* Mugunzá, iguaria feita de milho, leite condensado, canela, cravo, açúcar, leite. É mais comum consumir-se na Semana Santa.

No mercado do Bosque, em Rio Branco, na banca da Toinha, serve-se todos os dias. Como também se serve a “Baixaria”.

CHALEIRA. *adj.* Diz-se do indivíduo que não guarda nada; fala muito. Fica chaleirando por aí. Falando mal da vida dos outros. Adulador, bajulador, puxa-saco.

CHARANGA. *s.* Pequena banda de música.

CHEIRO-VERDE. *s.* Molho (pronuncia-se mólho) amarrado de cebolinha palha e coentro ou de salsa e cebolinha.

CHIBANTE. *s. e adj.* Elegante, metido a bonito. Brigão, valentão.

CHIBÉ. *s.* Pirão feito com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel, e às vezes temperado com cachaça. Jacuba. Os paraenses são conhecidos como “papa-chibés”.

CHILIQUE. *s.* Passamento. Desmaio. Armar a barraca em público, com gritos e agressões verbais.

CHIRINGAR. *v.* Pulverizar; espargir. No Juruá pode ser chiringado um real de perfume ao gosto do freguês. Em Cruzeiro do

Sul, quando se vai a uma festa, compra-se uma chiringada de “perfume” na banca do seu Nezinho. Ali também se compra cigarro a retalho, ou seja, um ou dois cigarros. Corruptela de “seringar”.

CHOVE NÃO MOLHA. s. Sem definição, indecisão. Fica nesse chove não molha; não ata e nem desata.

CHUÁ. *interj.* Zoada das piabas do Igarapé Preto, quando espantadas. Ruído causado quando o peixe arroja, se arremessa ou se espanta.

CHUMBADO. *s.e adj.* Bêbado, embriagado, anda com os passos lentos, pesado. Bebido.

CIBITE. s. Mulher macérrima, de pernas finas. Provável corruptela de sebite.

COBRINHA. s. Fila no mercado público para comprar carne. Colocava-se uma corda e as cestas de cipó, uma seguindo a outra, até acabar a carne. A “cobrinha” inicia-se à meia-noite. Isso, no tempo em que havia um ou dois bois que eram abatidos. Crise alimentar das brabas. Era

comum, até a década de setenta, em Cruzeiro do Sul - AC, formar a cobrinha, que era democrática e respeitada.

COITÉ. s. Fruto da cuieira cortada ao meio; serve de vasilha para tomar banho de cuia ou servir tacacá; cabaça. Usa-se também como vasilha para esgotar canoas, ou pôr comida para os animais ou aves domésticas.

COIVARA. s. Certa quantidade de ramagens a que se atea fogo nas roçadas para desobstruir o terreno e adubá-lo com as cinzas, facilitando o cultivo.

COLOCAÇÃO. s. Morada do seringueiro. A casa é construída com paxiúba, tanto o assoalho, como as paredes, e coberta de palha. Fica no “centro”, local distante de difícil acesso. Trecho de seringal, constando de barraca e algumas estradas de seringa. Cada seringueiro trabalha, “corta”, em geral, em três “estradas”, para o corte e a colha.

COMBOIO. s. Tropa de burros, mulas, cavalos ou bois de carga que levam gêneros, utensílios e mercadorias para os “centros”, pelos “varadouros” e “estradas de seringa”, e trazem as pelas de

borracha ou castanha. É conduzido pelo comboieiro, pessoa encarregada de tanger o comboio.

COM BORRA E TUDO. *expr. id.* Totalmente, exageradamente. Possível referência ao fato de coar o café estando furado o coador, o que faz passar a borra; servia-se assim mesmo, café com borra e tudo.

COMBUSTOL. *s.* Óleo diesel. Usa-se no Juruá.

COM DOR NAS CRUZES. *expr.* Dor nas costas. Dores no dorso ou na lombar.

COM DOR NOS QUARTOS. *expr.* Dor nas costas. Dores dorsais ou lombares. Região da 4ª ou 5ª vértebras.

COME FEITO BICHO. *expr.* Diz-se de pessoa que come muito.

COMER DAQUI. *expr.* Uso dos mais expressivos. Assim, ó: um cara vai te explicar como fazer alguma coisa (em geral coisa que requer manejo mesmo, habilidade), e aí ele diz, mostrando o corpo, com a mão, com o braço, “daí tu come daqui e torce a rebimboca da parafuseta”.

De onde terá vindo? O verbo parece estar sendo usado aí como sinônimo de “fazer”, “operar”, algo pelo estilo.

COMIDA DE SUSTANÇA. *s.* Comida que sustenta um homem para o dia de trabalho. Baixaria, carne moída, pão de milho, ovo frito e cheiro-verde.

COM O BUCHO NO PÉ DA GOELA. *expr.* Mulher prestes a parir; gravidez de últimos meses; buchuda, prenhe (prenha).

COM O PAPAGAIO MUITO ALTO. *expr.* Diz-se do indivíduo soberbo, altivo, exibido.

COM OS QUATRO PNEUS ARRIADOS. *expr.* Indivíduo apaixonado, muito apaixonado, embeijado, todo caído.

CONTRAPESO. *s.* Dificuldade, problema.

CORONEL DE BARRANCO. *s.* Homem poderoso, o dono do seringal. Esse título foi dado por Getúlio Vargas, coronel sem ser militar.

CORRERIA. *s.* Não tem nenhuma relação com o dia estressado das grandes cidades, que o acreano, como bom amazônida, sabe levar a vida num ritmo próprio, ditado de

acordo com o tempo, o calor, a chuva, as safras silvestres. Correria era uma espécie de caçada coletiva a índios arredios ou mesmo aculturados, mas que estivessem atrapalhando ou resistindo à exploração de um seringal, à ocupação de suas terras. Coronéis, grandes seringalistas, capatazes, organizavam ataques de surpresa a uma aldeia, chegavam atirando em tudo e em todos, então era aquela correria. Os índios adultos eram dizimados, mulheres e crianças eram levadas, agregadas às famílias brancas como serviçais e até escravizadas.

CORRIOLA. *s.* Reunião de amigos. Turma de amigos. Usa-se também em relação a grupo de pessoas que agem desonestas e inescrupulosamente. Quadrilha.

CORTADO E APARADO. *expr.* Dominado, imobilizado, que não oferece mais resistência.

CORTE. *s.* Pedaco de tecido, pedaco de pano. Usa-se também como ato de cortar seringa, cortar a árvore de seringueira, para extrair o látex.

COTÓ. *adj.* Faltando um pedaco; dedo cortado, dedo cotó, com uma

perna defeituosa; cachorro com o rabo cortado ou sem rabo. Usa-se também Bicó.

COTOCO. *s.* Xingamento com gesto, esticando o dedo médio e a mão fechada. No Acre havia um famoso Prefeito chamado de “Cotoco”.

COURO DE PICA. *expr. id.* Indica que não há uma decisão, que não se resolve, vai e volta em um namoro ou negócio.

CRENTE QUE ESTÁ ABAFANDO. *expr. id.* Indivíduo que pensa que está chamando atenção, às vezes é ridículo.

CRUVIANA. *adj.* Vento forte e gelado, geralmente seguido de chuva. Usa-se Truviana.

CRUZETA. *s.* Cabide dos roupeiros.

CUANDU. *s.* Porco-espinho, ouriço-cacheiro.

CU DE BOI. *s.* Briga. Confusão.

CU DE CANA. *s. e adj.* Indivíduo que bebe muito. Cachaceiro.

CU-DOCE. *s.* Indivíduo pedante, fazendo-se de pessoa difícil, gente besta. Quer, mas finge não

querer.

CUEIRO. s. Fralda, roupa de bebê. Roupa com que se envolve o corpo da criança recém-nascida. Os adultos usam meus mijos ou “os meus mijados”.

CUIÚ-CUIÚ. s. Peixe de água doce e de escama grossa. É conhecido também como focinho-de-porco, iú-iú, peixe-de-manilha, queru-queru, quiri-quiri.

CUPUAÇU. s. Árvore de até 20m de altura, da família da esterculiáceas, nativa da Amazônia e Maranhão. Seu fruto, muito usado em doces, sucos e cremes, recebe o mesmo nome. O fruto tem cor marrom, tipo pinha, e com os bagos preparam-se bolos, doces, sucos, picolés e refrescos.

CURADOR DE RASTRO. s. Rezador que cura as bicheiras dos animais olhando o rastro, sem que os veja.

CURIAR. v. Bisbilhotar, mexer em coisas ou objetos dos outros. “Pare de curiar o meu celular!” Xeretar.

CURICA. s. Ave da família dos papagaios. Temos: a maracanã, jandaia, amarela e verde na

cabeça. Os papagaios são: urubu; estrela e peruano. Periquitos: sujo e do olhão. As araras são a vermelha e a amarela. Brinquedo de papel confeccionado pelas crianças.

CURIMATÃ. s. Curimatá. Peixe de escamas, encontrado nos lagos e rios. Alimenta--se de vegetais, sobretudo lodo. A pesca é feita com redes e tarrafas. Espécie muito usada na piscicultura e um dos peixes mais apreciados na culinária regional.

CURIÓ. s. Ave de lindo canto, de cor parda ou preta. Reproduz-se em cativeiro. É comum pelas manhãs dos finais de semana, na beira das estradas, estar “passarinhando”, ou “armar”, ou seja, o curió na gaiola briga e agarra o curió selvagem.

CURRO. s. Matadouro de bois, suínos e outros animais.

CURUBA. s. Qualquer ferida, lesão cutânea ou doença de pele. Pereba. Carço coçador.

CURUMIM. s. Menino, criado jovem das aldeias indígenas. Vara de pesca do pirarucu.

CUSCUZ. s. Iguaria preparada com farinha ou flocos de milho,

cozida no vapor, na cuscuzeira.
Pão de milho.

CUTIARA. s. Espécie pequena de cutia de cor vermelha. Usa-se para denominar todo tipo de caça

pequena. As cutias grandes são: a preta e a rosilha.

CUVITEIRO. s. e *adj.* O mesmo que alcoviteiro; mexeriqueiro.

CUXICAR. v. Coser, costurar, unir.

D

DADO. *adj.* Que se dá bem com outros. Bom de trato, fácil de se comunicar. Afável; tratável.

DAIME. *s.* Chá de poderes mágicos feito de Marini e chacrona: o primeiro é cipó; e o outro, uma folha que somente é encontrada na Amazônia brasileira e na peruana. Foi descoberto pelos índios peruanos, que o chamavam de “ayuasca”. Acabou descoberto pelo homem branco, e entre eles o mestre Irineu Serra, um caboclo maranhense com mais ou menos dois metros de altura.

DAR A CARA A BOFETE. *expr. id.* Duvidar, apostar. “Dou minha cara a bofete”.

DAR AS CARAS. *expr. id.* Aparecer, retornar depois de longa espera.

DAR CORDA. *expr. id.* Estimular a praticar certo ato. Motivar, dar confiança.

DAR DE COM FORÇA. *Exp.* Bater com vontade. Realizar uma tarefa ou dever com disposição. Agir com firmeza.

DAR FÉ. *loc.* Dar-se de conta, surpreender-se. “Quando dei fé,

estava sem um real”. Perceber; notar.

DAR NO MEIO DA CANELA. *expr.* Abundar, sobrar; em profusão, em grande quantidade.

DAR O BIZU. *expr. id.* Dar a dica. Avisar, comunicar.

DAR O GRAU. *expr. id.* Caprichar, cumprir uma tarefa ou serviço a contento. Fazer benfeito.

DAR UM CHEIRO. *expr.* Dar um beijo, um ósculo.

DE BALDE. *expr.* Não confundir com de balde, porque nada feito de balde é em vão, muito pelo contrário. Fazer algo de balde é fazer com exagero. “Fiquei de porre, que tomei cerveja de balde”.

DE BODE. *loc. adj.* Menstruada (diz-se da mulher).

DE BUBUIA. *expr.* Descer o rio sendo levado pela correnteza. “O rio está alagado, a correnteza pode levar tudo de bubuia”. Com uma boa conversa, pode-se levar alguém de bubuia.

DE COM FORÇA. *expr.* Expressão de vontade, de força de vontade, fazer algo de forma apaixonada. “O Pedro se apaixonou pelo Acre. E se

apaixonou 'de com força'".

DE CU TRANCADO. *expr.* Cair com todo o corpo. Diz-se de alguém que está com medo.

DEFUMADOR. *s. e adj.* Aquele que defuma. Pequena palhoça junto à habitação onde o seringueiro defuma e define a borracha no defumadouro. Aqui acontece a defumação das etapas da extração da borracha, que consiste em expor o látex à fumaça dos caroços de urucuri, ou de outros cocos, queimados, ou de lenha, conhecido por breu. Para o início da defumação, definir o princípio, derramar o "leite" látex e ir rolando o cambão apoiando dos dois lados.

DEFUMAR. *v.* Processo de preparar a borracha, coagulando o leite da seringueira por meio de fumaça de cavacos de certas madeiras ou de cocos silvestres, como jaci, urucuri e outros.

DE MALA E CUIA. *loc. adv.* Mudar de lugar ou casa, com todos os pertences.

DE MUTUCA. *expr.* Ao aguardo, à espera, para praticar um ato. Estar atento.

DE PAPO PRO AR. *expr.* Sem fazer nada.

DEPENADO. *adj.* Diz-se do

indivíduo sem dinheiro. Roubado.

DE ROCHA. *loc. adv.* É verdadeiro. Com certeza. Firmar um compromisso verdadeiro.

DESABADA. *s.* Saída rápida, saída às carreiras, em desabada.

DESABALADO. *adj.* Precipitado, sem direção, acossado.

DESCANSAR. *v.* Dar a luz; parir.

DESCAPELAR. *v.* Sair ou cair a pele. Despelar. "Fiquei 'descapelando' porque peguei muito sol no igarapé".

DESCATITAR. *v.* Ficar irado, irritado, com raiva, armar o barraco, fazer zoada. Botar pra quebrar.

DESEMBESTADO. *adj.* Descontrolado, sem direção, com pressa.

DESENXAVIDO. *adj.* Sem sabor; insípido, insulso. Sem graça ou sem animação, monótono. É o mesmo que desenxabido.

DESMANCHO. *adj.* Caganeira, diarreia, chicote, disenteria.

DESOBRIGA. *s.* Ações do Padre, sacerdote da Igreja Católica, que todo ano sobe os rios para batizar, casar, confessar, celebrar a santa missa, ministrar os sacramentos. Desobrigar os fiéis dos mandamentos da Igreja.

DESONERADO. *adj.* Estar desonerado: estar com caganeira, diarreia. Desmanchado.

DESPOMBLECIDO. *s. e adj.* Doente, enfermo; achacado.

DESTENTAR. *v.* Ver “distentar cheque”.

DE VEZ. *loc.* Fruta perto de ficar madura.

DIFRUÇO. *s.* Gripe, resfriado. Defluxo.

DISMINTIR. *v.* Torcer o pé, a mão, sofrer contusão; adormecer em função de problema físico. Desmentir.

DISTENTAR CHEQUE. *expr.* É o verbo mais usado na praça e aplicado exclusivamente em operações bancárias: distentar um cheque significa descontar um cheque, trocá-lo pelo valor correspondente em dinheiro no caixa do banco. Às vezes não se consegue distentar o cheque por falta de fundos. Destentar cheque.

DISTIORADO. *adj.* Termo genérico para problemas de saúde. Caganeira, mal-estar, pelo excesso de bebida e/ou comida. O sujeito falta ao trabalho e depois justifica: “Não deu para vir ontem porque passei o dia de cama, estava meio distiorado”. É

corruptela de deteriorado.

DO ACREANÊS. *s.* Do dialeto acreano.

DO MEU TOPE. *expr.* Referência a outra pessoa, do mesmo tamanho, da mesma altura.

DONA MARIA. *loc.* Forma comum de chamar-se qualquer senhora de Maria, quando não se tem conhecimento de seu nome.

DONA MENINA. *loc.* Tratamento comum, para chamar qualquer pessoa do sexo feminino de maneira carinhosa, quando não se sabe o nome.

DO PÉ RACHADO. *loc.* Acreano legítimo é acreano do pé rachado, o verdadeiramente acreano. Puro.

DOR DE VEADO. *loc.* Dor na região epigástrica. Cólica seca. Dor forte no lado direito do abdome, proveniente de esforço físico, em especial após uma forte corrida.

DORME QUE SÓ PORCA DA MÃO BRANCA. *expr.* Diz-se do indivíduo que gosta de dormir, dorminhoco, preguiçoso.

DO TEMPO DO RONCA. *loc. adv.* Algo muito antigo, muito velho. É o mesmo que do tempo do Onça.

DO VERO. *expr.* De verdade, verdadeiro, é real.

E

É DO BRINCA. *expr.* É de brincadeira; não é sério. Expressão que demonstra qualquer sentimento.

E EU LÁ SABIA. *expr.* Tentar eximir-se de um fato ou da culpa.

ÉGUA. *s. e interj.* Sujeito que não vale nada. Fulano é um égua. Expressão de “elogio” ou de momento de euforia. “Aquele fio duma égua conseguiu acertar sozinho na loteria”. Ou “Eita fio duma égua, conseguiu passar no vestibular, vai ser dotô”. Usa-se também para um indivíduo mesquinho. Como interjeição exprime espanto, admiração, descontentamento.

EMARANHADO. *s. e adj.* Embaraçado, enrolado, enredado. Trecho de vegetação emaranhada.

EMBIARA. *s.* Toda caça de pequeno porte é uma embiara. Também pode ser uma mulher feia.

EMBIOCAR. *v.* Descer, cair, tombar. Como pronominal, significa esconder-se.

EMBRICICA. *s.* Coisas ou

peças em quantidade. “O comício juntou uma embricica de gente”. Usa-se no Juruá para uma quantidade de peixes amarrados em um cipó; enfiada. O “e” soa “i” (imbricica).

EMBORCAR. *v.* Virar de ponta cabeça, emborcar a lata, o balde, virar, debruçar. “O carro emborcou, virou”. Virar de pernas pra cima.

EMBRENHAR-SE. *v.* Meter-se, esconder-se (nas brenhas, no mato). Fazer entrar ou penetrar no interior.

EMPACHADO. *adj.* Cheio, estufado, ruim do estômago.

EMPANEMAR. *v.* Azarar, colocar panema. O sujeito com panema fica ruim para caça, para mulher e para negócios.

EMPANZINADO. *adj.* Que comeu além da conta.

EMPATE. *s.* Espécie de piquete de seringueiros para “empatar” derrubadas ou queimadas, ou como meio de pressão nas suas disputas com os patrões ou o Governo. A grande bandeira de Chico Mendes, preservar a

floresta. Pelo Empate, o seringueiro acredita na floresta e que ela é autossustentável.

EMPINAR. v. Levantar uma coisa por uma das extremidades. Beber, embriagar-se. Na década de 70 havia uma pessoa que andava pelas ruas de Rio Branco, e quando alguém gritava: “Empina, Jói!”, ele levantava a ponta dos pés e saía todo entanguido.

EMPINGE. s. Coceira, micose. Impingem; impigem.

EMPIRIQUITADA. adj. Diz-se da mulher bem arrumada, enfeitada. “Está toda empiriquitada”. Emperiquitada.

EMPIRIQUITADO. adj. Indivíduo que usa roupas extravagantes, todo enfeitado. A forma vernácula é emperiquitado.

EMPLEITA. s. Todo trabalho contratado. Empreita, empreitada. Usa-se também empeleita.

EMPOMBADO. adj. Branquelo, pálido, amarelo. Buchudo. Pessoa cheia de orgulho. Irritado, zangado. Usa-se também empombado e empalamado.

ENCAFIFAR. v. Ficar contrariado, aborrecido, ficar acanhado, sem jeito, encafifado.

ENCAFUAR. v. Meter em cafua.

Esconder, ocultar.

ENCANGANDO GRILO. expr. Sem iniciativa para o trabalho. Sem fazer nada. Sem ocupação: “Esse cara leva a vida encangando grilo”.

ENCARAFUNCHAR. v. Remexer, bisbilhotar, procurar. Escarafunchar.

ENCARANGAR. v. Diz-se “encarangar de frio” para designar a reação do corpo, que se encolhe, algo assim, em virtude do frio. Estar com muito frio. Aperto de frio.

ENCARNADO. s. De cor vermelha, cor de carne.

ENCASQUETADO. adj. Pensativo, sem entender nada. Impressionado com algum fato. Obcecado.

ENCASQUETAR. v. Implicar com alguém ou com alguma coisa. Teimar em determinado assunto ou em uma discussão, que vira confusão: “Fulano encasquetou”.

ENCASTOAR. v. É usado no sentido de “chegar junto”, se unir, se aproximar de alguém ou de algo. Uma pessoa agarra outra em qualquer sentido. Um amigo diz para o outro: - “Estamos

encastoados nessa luta”. Uma amiga diz a outra: “Juro, eu vi teu namorado encastoadado naquela lambisgoia”. Prender um anzol em um pedaço de aço, para que os peixes que têm dentes de serrilha (a matrinchã; a jutuarana; a piranha; a traíra), entre outros, não cortem a linha.

ENCAUCHADO. *s.* Saco encauchado. Saco de tecido barato impermeabilizado por um banho de leite de caucho ou de látex da seringueira. Após passar o leite no saco com uma pena do rabo do jacu, coloca-se a secar ao sol. Serve para transportar de tudo: roupas, alimentos, cereais. Amarrado na “boca”, serve como boia em caso de alagação de uma canoa. No rio Moa, quando uma urna eleitoral era levada para uma seção eleitoral em escola na colocação 'Vai Quem Quer', a embarcação alagou e a urna ficou boiando porque estava em saco encauchado.

ENCHER MORCILHA. *expr.* O mesmo que encher linguíça. Fazer nada; encher o saco.

ENDOLAR. *v.* Enrolar um cigarro de maconha ou cocaína.

ENFIANDO PEIDO EM

CORDÃO. *expr.* O mesmo que encangando grilo. Não fazendo nada.

ENGILHADO. *adj.* Enrugado devido ao frio. Engelhado.

ENSUADA. *adj.* Diz-se quando a macaxeira ou a batata doce não cozinha. Murcha devido à intensa onda de calor. Ensoada.

ENTOJO. *s.* Enjoo de mulher grávida. Nojo de algum fato. Antojos.

ENTROUXAR. *v.* Embrulhar, empacotar, enfardelar. Pôr em ordem; arrumar.

ENVERNIZADO. *adj.* Relativo à bebida, ou seja, quase embriagado. Diz-se também do órgão genital masculino rijo, ereto, duro. Diz-se também da pessoa que, embora tenha bebido muito, não aparenta embriaguez.

ENXERIMENTO. *s.* Atrevimento, provocação. O primeiro “e” soa “i” (inixerimento).

ERPADO. *adj.* Grande.

ESCABREADO. *adj.* Arisco, desconfiado.

ESCACAVIAR. *v.* Buscar, procurar, escarafunchar.

ESCALDADO. *adj.* Acostumado

com certas situações; esperto, com experiência.

ESCAMBAU. *s.* Usado sempre na expressão “o escambau” ou “e o escambau”, equivalendo a “e outras coisas”. “Fomos ao cinema, andamos pela rua, fizemos compras, o escambau”.

ESCAMBICHAR. *v.* Sofrer contusão na região lombar, geralmente na coluna. Sentir dificuldade em caminhar ou em realizar certas atividades ou tarefas. Escangalhar; esbandalhar; arrebentar, esbodegar. Derrear com pancadas; descadeirar, escadeirar, desancar.

ESCANGOTADO. *adj.* Cansado, exausto, sem vontade para nada.

ESCONDER O LEITE. *expr.* Dissimular, encobrir, fingir, ocultar alguma coisa. Negar o que havia prometido.

ESCROTO. *s. e adj.* Indivíduo chato, exigente, malvado.

ESGAMELADO ou **ESGALAMIDO.** *adj.* Com muita fome, esfomeado; comilão.

ESGULEPADO. *adj.* Maltrapilho, malvestido, esmolambado.

ESPAÇOSO. *adj.* Diz-se do

indivíduo atrevido, confiado, petulante.

ESPALHA-BRASAS. *s. e adj.* Indivíduo que gosta de briga ou *confusão*; *desordeiro*, espalhafatoso, bagunceiro.

ESPANAR A FACA. *expr.* Jogar a faca contra alguém, com intenção de ferir ou matar: “Espanou a faca”.

ESPER'ÁÍ. *expr.* Contração de (espera + aí). Se lhe alertarem: “cuidado, esper'aí”, não fique parado esperando pelo tempo, que você vai passar por imbecil. O aviso é para você se precaver porque “esper'aí” é um arbusto espinhento que fura a roupa e a pele, encontrado na beira dos baixios, rios e lagos.

ESPINEL. *s.* Aparelho de pesca formado por uma extensa corda na qual se prendem, de espaço em espaço, linhas armadas com anzóis. Espinhel.

ESPINGARDA. *s.* Mulher muito feia, baranga, embiara.

ESPINHAÇO. *s.* Coluna vertebral; lombo; dorso.

ESTAFETA. *s.* Portador de despachos, encomendas, cartas,

que faz a entrega, encarregado da correspondência; carteiro.

ESTAR APERTADO. *expr.* Estar com necessidade de usar o sanitário, atender a mãe natureza.

ESTAR FRITO. *expr.* Estar aperreado, em dificuldades.

ESTAR PERNOITADO. *expr.* Passar a noite sem dormir.

ESTIRÃO. *s.* Trecho de rio que corre em linha reta. O mais famoso do rio Juruá é o estirão dos Nauas, entre os municípios de Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves.

ESTOURADO. *adj.* Que diz o que quer, sem medir conveniências; adoidado, turbulento, buliçoso, estouvado.

ESTRAMBÓTICO. *adj.* Algo esquisito. Diferente em todos os sentidos. Estrambólico.

ESTROPIADO. *adj.* Que se estropiou, que sofreu amputação; aleijado; mutilado, inabilitado ou afastado por invalidez, adulterado em sua essência, muito cansado; fatigado.

ESTROVENGA. *s.* Coisa velha, inservível. Carro velho e em péssimo estado de conservação. Estrupício.

EU ESTALE. *expr.* Que eu me arrebente, me quebre todo;

promessa com viés de ameaça, se não cumprir o prometido. “Que eu estale”.

EU QUERO É CAGAR. *expr.* Eu aposto, eu garanto. Tô cagando pra ti. É uma aposta de forma debochada.

F

FÁBRICO. s. Período em que se corta seringa e se produz borracha, época sem chuvas durante a qual é feita a colheita do látex. Só há fábrica durante o verão: de maio a novembro. Esse é também o período em que se corta seringa na várzea; em terra firme geralmente é o ano todo.

FACADA. s. Mergulho de cabeça. Dar uma facada é mergulhar de cabeça no rio, igarapé ou lago. Pedido de dinheiro a alguém; ferrada.

FAINA. s. Atividade ou trabalho a que concorre ponderável parcela da tripulação de um navio. Qualquer trabalho aturado; lida, azáfama.

FALA QUE SÓ A PRETA DO LEITE. *expr.* Indivíduo que fala muito. Tagarela. Fala sem parar.

FALAR DE BARRIGA CHEIA. *expr.* Falar sem razão.

FALSA BANDEIRA. *loc.* Baitola, travesti; aparenta ser, mas não é.

FARDADO. s. e *adj.* É o daimista, ou seja, o adepto do Santo Daime, que é aceito formalmente na seita que mistura princípios religiosos e

militares. Tem hierarquia rigorosa, e a farda tem até divisas que indicam o grau do daimista.

FARINHA. s. Farinha de mandioca. A farinha mais famosa do Acre é a de Cruzeiro do Sul. Usa-se para dizer de gente mole, fraca; abundância, quantidade, grande número; indivíduo que bebe muito.

FARRABUCHADO. s. Barulho, estardalhaço, pra chamar a atenção.

FASTIO. s. Falta de apetite, sem fome. Usa-se “fastii”.

FAZENDA. s. Qualquer pano ou tecido.

FAZER QUARTO. *expr.* Participar de um velório.

FAZ UM PEDAÇO. *expr.* Há um bom tempo, há um tempão. “Faz um pedaço que estou esperando.” Usa-se também “faz pedaço”.

FECHICLER. s. Zíper. Forma contraída de fecho ecler.

FERIDA BRABA. s. Ferida difícil de curar. Leishmaniose. Usa-se do leite da caxinguba para curar ferida braba, devido à falta de

medicamento adequado.

FERIR A MADEIRA. *expr.* Cortar a casca da árvore da seringueira, para extrair “o leite”, o látex, após raspar a casca com a raspadeira.

FERRADA. *s.* Levar uma ferrada é ter prejuízos, ter contratempos. Ferrada de arraia dói muito, causa febre alta. Usa-se também para relação sexual. Pedido de dinheiro a alguém. Nesse sentido, o mesmo que facada.

FICAR DE BUBUIA. *expr. id.* Ficar flutuando na água.

FICAR DE MAL. *loc.* Deixar de falar com uma pessoa, por diversos motivos. Cortar relações afetivas ou sociais com alguém.

FICAR LAMBENDO OS DEDOS. *expr.* Ficar sem nada.

FICAR NO CANTO. *expr.* Perder a condição de caçula. Desprezado, com falta de atenção.

FICAR NO CARITÓ. *expr.* A mulher ficar velha sem se casar.

FICAR SURRA. *expr.* Cortar (a mulher) curto o cabelo, tipo galinha piroca.

FINCA-PÉ. *s.* Teimosia, ideia fixa. “Não vou, não vou, e pronto”. É o finca-pé ou bater o pé. Firmeza de opinião, de atitude.

PIO DE UMA ÉGUA. *s. e adj.* Sujeito mesquinho. Indivíduo que realizou uma façanha com sucesso, ou feito com vitória. Usa-se como termo pejorativo, depreciativo ou na forma de elogio. “Aquele fio duma égua conseguiu acertar sozinho na loteria!”

FLORESTANIA. *s.* Neologismo forte, carregado de acrianidade e sentimento telúrico, traduz a vontade de um viver típico do amazônida e de uma sociedade orientada pelos valores culturais dos povos da floresta - seringueiros, ribeirinhos, índios e toda gente das comunidades rurais e urbanas. Quem discute o assunto, cai na tentação de traduzir Florestania como a “cidadania da floresta”.

FOBENTO. *adj.* Que conta vantagem; que não faz mais do que falar. Indivíduo que sempre está apressado, com foba e intranquilo.

FRANGOTE. *s.* Adolescente, rapazinho.

FRESCAR. *v.* Encher o saco, incomodar, impacientar. “Por favor, não fique frescando”.

FRIAGEM. *s.* Período do ano

entre os meses de maio a agosto, quando ocorre frio no Acre. Começa geralmente com chuva e ventos, friagem com chuva, ou friagem seca. É o início do verão amazônico, é quando as águas dos rios e igarapés baixam, é a vazante.

FRITO. *adj.* Em dificuldades; em apuros.

FRIVIOCA. *s.* Coceira, prurido, frieira.

FULEIRAGEM. *s.* Coisa ruim, sem valor. Modos ou atitudes de fuleiro.

FURDUNÇO. *s.* Confusão, desordem; baile ou festa popular, piseiro.

FURO. *s.* Canal que liga dois rios ou lagos, ou lago ao rio. Canal que corta a curva do rio, muitas vezes feito pela ação do homem. No Juruá, acima de Cruzeiro do Sul, o mais famoso “furo” era o do São Francisco, para evitar a Volta Grande, hoje virou lago, que fica beirando a variante, ao chegar a Cruzeiro do Sul, ao desviar-se da BR 364.

FUTRICA. *s.* Fuxico, confusão, pilhéria impertinente.

FUTRICAR. *v.* Mexer com todos.

Fazer confusão. Falar dos outros. Fazer futrica.

FUXICAR. *s.* Fofocar, inventar fatos. Quem fala mal de alguém é fuxiqueiro.

G

GAIATO. *s. e adj.* Indivíduo pra frente, enxerido. Cheio de prosa e exibicionismos.

GAIOLA. *s.* Embarcação fluvial a motor, no centro ou na popa; comumente se diz de rabetá, de pouca borda e superestrutura alta, com varandas. Serve de meio de transporte para pessoas e mercadorias ou animais. As pessoas viajam em redes estendidas, porque as estradas da Amazônia são os rios, lagos e igarapés.

GAITA. *s.* Dinheiro, grude, tutu.

GAITADA. *s.* Risada com certo exagero; gargalhada.

GALALAU. *s.* Indivíduo muito alto, grandão.

GALERA. *s.* Grupo de rapazes dispostos. Torcedores de um time de futebol. “Vamos lá, galera”.

GALHADA. *s.* Indivíduo que é traído pela mulher ou companheira usa galhada. Par de chifres.

GAMBIARRA. *s.* Extensão elétrica, de fio comprido, com uma lâmpada na extremidade, que

permite a utilização da luz em diferentes localizações dentro de uma área relativamente grande. Usa-se para qualquer serviço malfeito, improvisado: “fez uma gambiarra”. Um quebragalho, geralmente por pessoas curiosas, que não são profissionais. Serviço provisório, precário.

GANHAR AS CAPOEIRAS. *expr.* Essa expressão é comum e inofensiva no Nordeste, mas no Acre é ofensiva e grave. Por aí, quando se diz “fulano ganhou as capoeiras”, se quer dizer apenas que o sujeito se deu mal. Já no Acre, dizer para o outro: “vai ganhar as capoeiras!”, equivale a mandar o sujeito se perder com o mais alto grau de ofensa e despeito, é o mesmo que um carioca mandar o outro “sifu”. Evite a expressão, só use em casos extremos e de forma bem calculada.

GARAJAU. *s.* Espécie de cesto fechado e oblongo, no qual os colonos conduzem galinhas e outras aves ao mercado.

GARAPA. *s.* Sumo da cana-de-

-açúcar; líquido reimoso derivado da prensagem da cana-de-açúcar numa engenhoca. Usa-se, figuradamente, com o sentido de “algo que se consegue com facilidade”. “Foi uma garapa, ganhei fácil, fácil”.

GARAPÉ. s. Igarapé; riacho, riozinho. Expressão usual no Juruá.

GARRANCHADA. s. Galho fino de árvore ou de arbusto; que tem muitos gravetos; com ramos tortuosos e garranchosos. Quantidade de garranchos, de galhos de árvores. Pancada desferida com garrancho.

GASGUITA. *adj.* Diz-se da pessoa de voz muito aguda; voz estridente. Que fala ou canta alto.

GASTURA. s. Mal-estar na região epigástrica; estômago ruim; ressaca de bebida alcoólica. Desconforto.

GATEIRA. s. Armadilha para capturar onças, gatos-do-mato, gatos maracajás e os gatos mouriscos.

GATUNO. s. e *adj.* Aquele que furta; ladrão.

GEGA. s. Empanado dentro da cela da prisão, da penitenciária ou

cadeia, separa os presos da mesma cela, para ficar só na sua intimidade.

GIRIGOIA. s. Curimatã pequena. Peixe miúdo, pequeno.

GONGO. s. Tapuru que se encontra dentro do coco uricuri, excelente isca para pescar. Turu.

GORGULHO. s. Caruncho nos grãos de arroz, feijão e milho.

GOTEIRA. s. e *adj.* O mesmo que segurar vela. Sujeito que dá opinião sem ser consultado. Ficar empatando namoro.

GRAMICHÓ. s. O açúcar preto, não refinado, cor amarelada. O açúcar mascavo ou natural. Usa-se, açúcar gramichó ou, apenas gramichó. O melhor açúcar regional é da cana caiana ou da 'piojota'. Usa-se também “gramixó”.

GRANDE COISA! *expr. id.* Desdém, menosprezo. Diz-se também “grandes coisas”.

GRELAR. v. Olhar atentamente, observar, ficar de olhos bem abertos. Ficou de olho grelado.

GROJETA. s. Gorjeta, com metátese. Gratificação paga em dinheiro além do devido, ou pagamento por pequenos

serviços.

GUARDA - LIVROS. s.

Empregado do ramo comercial, ou profissional autônomo, encarregado de fazer o registro contábil e das transações de uma empresa de negócios, escriturando seus livros mercantis. Atualmente substituído pelo técnico em contabilidade, ou, quando se exige nível universitário, pelo contador.

GUARIBA. s. Designação comum aos macacos da família dos cebídeos do gênero *Alouatta*, que ocorrem nas florestas; com cerca de 50cm de comprimento, cauda preênsil e pelagem densa, de cor

marrom-avermelhada no macho, sendo a fêmea mais clara, especialmente sob o focinho, formando uma barba espessa; aqui, barbado, ruivo, capelão. Habitam a copa das árvores, onde se alimentam de frutos e folhas e se fazem notar pela voz grave e alta.

GUARIBAR. v. Arrumar, consertar, realizar um serviço, superficialmente, sem muito esmero.

GUENZO. *adj.* Muito magro; adoentado; fraco. Usa-se dizer quando o galho de uma árvore é torto ou bamboleante: “Galho todo guenzo”.



H

HAVIA. *interj.* Apressa! Anda! Vamos logo! Cuida! “Te havia!”. Forma não aconselhável de “avia” (ver).

HILEIA. s. A floresta amazônica. A Amazônia brasileira.

HINIKUI. s. Nação indígena, antiga nação kaxinawá.



IGAPÓ. s. Mata cheia de água, trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo estagnada, permanecendo alagada mesmo na estiagem dos rios. Vegetação baixa e uniforme dessa região; mata de igapó. Usa-se também para denominar pequenas lagoas. Amiúde, ouve-se também “gapó”.

IGARAPÉ. s. Pequeno rio que tem as mesmas características dos grandes, navegável apenas durante as cheias; os maiores denominam-se *igarapés-açus*; os menores, *igarapés-mirins*. O mais famoso do Acre é o Igarapé Preto, no município de Cruzeiro do Sul, de água sempre muito fria, com coloração escura. Nele existem diversos banhos. No Juruá, usa-se: “Garapé”.

IMBICAR. v. Encostar a canoa ou batelão no barranco, na margem do rio, do igarapé ou do lago. Cair de bico. Embicar.

IMBIGO. s. Umbigo, embigo.

IMBIRICICA. s. Corruptela de embiricica. Usa-se, por exemplo, quando se prendem alguns peixes

em um cipó, aí vem uma cambada de peixe. Usa-se também para pessoas: “uma embiricica de meninos”.

IMBULUADO. v. Provável corruptela de EMBOLADO. Enroscado, emaranhado, enrolado.

IMBURANA. s. Emburana ou umburana. Árvore semelhante ao imbuzeiro. Sua madeira é muito usada para fazer um “facho”, ou seja, para os seringueiros andarem à noite.

IMORALIDADE. s. Prática de sexo ou de libertinagem. “Estão fazendo imoralidade”, isto é, estão fazendo sexo.

IMPALHAR. v. Embaraçar, atrapalhar, confundir. Fazer perder tempo. “Menino, para de me impalhar”. “Você está me impalhando”. Usa-se no caso de um namoro que nunca chega a casamento: “Tá me impalhando, perdendo meu tempo”. Empalhar.

IMPALUDISMO. s. Infecção que pode incidir tanto no homem e noutros mamíferos, quanto em aves e anfíbios, causada por protozoários do gênero

Plasmodium, presentes no sangue, transmitido por picadas de mosquitos do gênero *Anopheles*, do qual há cerca de 50 espécies. *Acréscimo ou acréscimos, febre intermitente, febre palustre, febre, helópira, impaludismo, maleita, maleita-brava, maligna, paludismo, perniciosa, sezão, sezonismo, bateadeira, tremedeira, treme-treme, carneirada e malária.*

IMPELIR A CANOA. *expr.* Fazer mover a embarcação na beira do rio, mediante força propulsora; impulsionar, impulsar, propulsar.

IMPIGE. *s.* Pira, coceira, mancha no corpo. Impigem ou impingem.

IMPINJAR. *v.* Teimar, insistir, persistir. “Fulano tá impinjando comigo”.

INAMBU ou NAMBU. *s.* Designação comum às aves tinamiformes, da família dos tinamídeos, dos gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, restritas aos neotrópicos, de corpo robusto, pernas grossas e cauda rudimentar ou inexistente. Temos no Acre o nambu azul, galinha, pintado, preto, chamado de macucal, e o surulinada, que é pequeno e pintadinho. É uma

embiara muito apreciada na culinária do seringueiro. O mesmo que inhambu.

INHACA. *s.* Cheiro forte, pixé do sovaco. Bodum. Sovaqueira.

INJEMBRADO. *adj.* Torto. Enjambrado.

INREDAR. *v.* Fazer fofoca, criar intrigas, entregar alguém. Mexer com alguém “Fulano tá inredando comigo”. Enredar.

INVOCADO. *adj.* Indivíduo que se irrita facilmente.

INXIRIDO. *s. e adj.* Intrometido, enxerido.

IPADU. *s.* Folha de coca. Padu.

IRAPUÁ. *s.* Abelha sem ferrão, que produz mel de sabor desagradável. Abelha preta. Faz um cupim num pau ou árvore, quando está amarelo, tem mel. Abelha sem ferrão, só faz picar.

IR DESTA PARA MELHOR. *expr.* Morrer. “Viajar”.

IR NA BALSA. *expr.* Perder disputa; perder uma eleição; perder a política; perder a disputa por qualquer cargo. Expressão criada pelo saudoso Aloísio Macedo Maia, professor, jurista, jornalista, acreano. Ir para Manacapuru.

IÚCA. *s.* Mandioca, macaxeira.

J

JABÁ. s. Charque. Carne seca e salgada.

JACAMIM. s. É um pássaro tido como um dos mais valentes entre todos, e seguramente o mais solidário entre todos os pássaros e bichos. Constrói seu ninho em forma de cesta e vive em bandos. Quando encontra um filhote de pássaro abandonado, não importa a espécie, ele adota o órfão e o cria como se fosse seu próprio filho. Tanto que há um ditado preconceituoso que diz: “Quem cria filho dos outros é jacamim”. E também chamam jacamim o homem que casa com mulher que já tem filhos, e vice-versa. Pessoa que cria filhos dos outros.

JAÇANÃ. s. Ave ribeirinha, de igapó. Mulher de pernas finas.

JACI. s. Nome de uma palmeira cujo coco se come raspado com farinha. De sabor agradável. As hastes, as palhas, servem para cobrir casas, barracões, galpões.

JACUBA. s. Comida pobre: água, farinha de mandioca e açúcar ou sal. Chibé.

JAMAMADI. s. Povo indígena da

região dos rios Juruá e Purus. Teve seu desaparecimento como etnia dado nos anos 60, voltaram a se recuperar em número populacional e culturalmente.

JAMAXI. s. Jamaxim, com desnasalação. Cesto grande que é amarrado às costas e serve para o seringueiro transportar alimentos, objetos de uso pessoal; cesta feita de cipó, boa de carregar borracha ou qualquer outra bagagem. Não é redondo nem quadrado, é meio comprido e tem o fundo achatado no jeito do lombo de um homem, que leva o jamaxi nos costados, amarrado com duas aristas, que são umas correias de borracha ou de pano grosso cruzadas pelo peito. “Conforme a forma de quem leva, um jamaxi comporta até 80 quilos de carga, e as índias carregam até menino”.

JAMINAUA. s. Nação de bons caçadores e pescadores. Habitam em seis terras indígenas diferentes, do Vale do Juruá ao Vale do Purus.

JANDAÍRA. s. Designação

comum às diversas espécies de abelhas sociais brasileiras do gênero (*Melipona interrupta*). Abelha sem ferrão. Apresenta coloração negra com listras amarelas no abdômen; produz mel claro e aromático; jandaíra-

-preta, manduri e manduricão.

JAPÁ. s. Esteira tecida de folhas de palmeira, usada como janela ou porta.

JARARACA. s. Designação comum a várias espécies de répteis ofídios, extremamente venenosas, com cabeça triangular, em forma de lança, e cauda afilada. É responsável por grande parte dos acidentes ofídicos registrados.

JARINA. s. Palmeira. Produz palmito de boa qualidade. Com a casca do coco fabricam-se colares e bijuterias; a polpa se come com farinha. Dizem os seringueiros: “Se uma cobra morder o miolo da palha da jarina, com certeza irá morrer. Tirar o talo duro e jogá-lo na cobra para ela morder é fatal”.

JATICÁ. s. Bico do arpão para ferrar casco da tartaruga ou tracajá.

JEGUE. s. Pessoa tímida;

introvertida; que se veste mal. Indivíduo teimoso, burro.

JEQUI. s. É uma armadilha colocada em locais estreitos nos rios ou igarapés, para apanhar peixes, depois que entram no jequi, os peixes não podem retornar, ficando presos; a armadilha é feita de cipó, varas finas ou taboca trançada e amarrada, a boca de entrada é larga e a saída é estreita. O mesmo que cacuri.

JIJU. s. Pequeno peixe de água doce, sem valor comercial.

JIQUITAIA. s. Formiga miúda vermelha, sua picada arde por longo período e deixa muitas marcas. Lava-pés. Diz-se também da pimenta malagueta quando seca e reduzida a pó.

JOGA ÁGUA FORA DA BACIA. *expr.* Baitola, afeminado.

JOGAR NO MATO. *loc.* Jogar fora. Rebolar no mato.

JUCURUTU. s. Ave bubonídea (*Bubo magellanicus*). Coruja da família dos estrigiformes, encontrada em matas e capoeiras. Atinge até 52cm de comprimento, tem penachos acima dos olhos

grandes e eretos, dorso marrom e branco, garganta branca; coruja-orelhuda, inhacurutu, jacurutu, jucurutu, mocho-orelhudo.

JUNTAR COM UM CAMBITO.

expr. id. Fazer uma coisa com facilidade, na boa, fácil como juntar folhas caídas usando um cambito, um galhinho fino, com parte da forquilha cortada.

JUNTAR OS PANOS DE BUNDA.

exp. id. Ir morar juntos.

JURUPARI. s. Segundo a lenda, jurupari é o Deus dos indígenas que foi enviado pelo Sol, com a missão de reformar os costumes da Terra, a fim de poder encontrar nela uma mulher perfeita com quem o Sol pudesse se casar. Jurupari tirou o poder das mãos das mulheres e o restituiu aos homens. Antes de jurupari eram as mulheres que andavam e os homens obedeciam, o que era contrário à lei do Sol. Denominação de um rio no município de Feijó.

JURURU. *adj.* Diz-se do indivíduo abatido, desmotivado, triste.

JUSTAR. v. No sentido de conferir: “preciso justar o quanto

ganhei na poupança”. Acertar um salário. Ajustar a “empleita” (ver), o serviço. Acertar as contas, no sentido de prestar conta.

K

KAMARAPE. s. É um ritual onde os pajés da tribo Ashaninka tomam *ayahuasca*, ocasião em que os índios, sem o uso de instrumentos musicais, cantam e dançam a memória do seu povo, auxiliados pelo pássaro Japó, o mensageiro de Pawa.

KAMBÔ. s. Denominação de um sapinho, de onde é extraído o milagroso veneno de sapo.

KATUKINA. s. É um povo muito sofrido. Há quem sustente que katukina é um nome que os brancos que chegaram para explorar seringais no Acre inventaram para seis povos diferentes, mas que falavam a mesma língua e casavam-se entre si: *nainawa*, *waninawa*, *numanawa*, *varinawa*, *kumanawa* e *satanawa*. Os katukinas habitam a região da bacia do rio Juruá, em Feijó e Tarauacá.

KAXARARI. s. Povo da divisa do Acre, Rondônia e Amazonas. Ficaram conhecidos pela luta pelo direito à exploração comercial e industrial de jazidas de pedra e brita.

KENE. s. Lenda Kaxinawá – significa jiboia encantada, seus vários modelos representam o desenho da cobra e são usados pelos índios em peças artesanais e na pintura corporal.

KULINA. s. Também chamada Madija, esta nação, vivente nos vales dos rios Purus e Juruá, é numerosa e tem sua integridade cultural bem preservada, destacando-se pela musicalidade de seus cantos e instrumentos, como a flauta.

LÁBIA. *s.* Conversa mole, papo furado.

LABROCHEIRO. *s. e adj.* Indivíduo que não se cuida, assim como as coisas de sua casa. Anda mal arrumado, desleixado, sujo. Diz-se também do indivíduo que trabalha mal, que faz serviço porco.

LAMBUJA. *s.* Vantagem concedida por um jogador em uma partida, em um jogo, ante a fragilidade do adversário. O mesmo que lambujem.

LAMBUJE. *s.* Ato de comer gulodices, guloseimas, lambarices, restos de comida deixados nos pratos. Curruptela de lambujem.

LAMPARINA. *s.* Pequeno recipiente, feito de lata de leite em pó, com um pavio embebido em óleo diesel, “combustol”, querosene, óleo de cozinha; aceso, fornece luz atenuada. Luminária.

LANCHA. *s.* Indivíduo que tem pé bastante grande. Prancha.

LAPIAR. *v.* Manter relações sexuais. “Estavam lapiando”.

LATAGÃO. *s.* Homem robusto e de grande estatura.

LATRINA. *s.* Privada, casinha, sentina.

LAVAR A ÉGUA. *loc.* Ganhar com facilidade em uma aposta. Obter vantagem sem esforço, ou lucro financeiro.

LEBRA. *adj.* Velha; acabada; feia.

LEBRENTO. *s. e adj.* Coisa sem valor, sem importância. Indivíduo mal arrumado, mal vestido. Lebréu.

LEBRÉU. *s. e adj.* O mesmo que lebrento.

LEGAL QUE SÓ. *expr.* Muito bom, legal. “A festa foi legal que só!”

LEITE DE AÇAÍ, LEITE DE BACABA. *s.* Sumo (“leite”) extraído do fruto do açaizeiro ou da bacabeira, de forma artesanal ou com máquina própria.

LEITE DE ONÇA. *s.* Cachaça batida preparada com leite condensado e sumo de frutas.

LESO. *s. e adj.* Indivíduo abestalhado, distraído, lento. Amalucado.

LEVAR CANELADA. *expr.* Ser rejeitado por mulher ou dama em uma festa ou baile, quando se vai tirá-la para dançar.

LEVAR UMA QUEDA. *loc.* Cair com o corpo. “Levei uma queda, machuquei a perna e 'disminti' o braço”.

LINGADA, *s.* Porção de coisas amarradas numa corda.

LITRO. *s.* Medida para farinha, milho, arroz e feijão, no Juruá.

LOMBRA. *s.* Ressaca, sono após

a embriaguez alcoólica. Resultado do uso de droga, como maconha, cocaína, etc.

LOMBRADO. *adj.* Estado de quem se encontra sob o efeito de bebida alcoólica ou droga.

LUNDU. *s.* Mau humor que se manifesta temporariamente. Indivíduo com mau humor, amuo.

LUSCO-FUSCO. *s.* Momento de transição entre o dia e a noite; crepúsculo vespertino; o anoitecer; o alvorecer.

M

MACAMBÚZIO. *adj.* Triste, entristecido, carrancudo.

MAÇARANDUBA. *s.* Madeira resistente de cor vermelha, serve para estacas e palanques.

MACAXEIRA. *s.* Mandioca, maniva, manirva.

MACETA. *s. e adj.* Homem grande, grandalhão, desproporcional. “O homem é um maceta”.

MACETÃO. *adj.* Grande; exagerado.

MACETE. *s.* Manha; jeito para resolver certos assuntos; maneira, modo.

MACIOTA. *s.* Sem esforço; sem pressa ao realizar um trabalho ou tarefa. Usa-se, com frequência, “na maciota”.

MADIJA. *s.* Nação indígena, também conhecida como kulina.

MAGAREFE. *s.* Aquele que retalha boi. Vendedor de carne, açougueiro. Os mais famosos e desbocados eram: em Rio Branco, o “Zé Birico”; e em Cruzeiro do Sul, o “Antonio Branco”, depois das aporrinhações e o estresse da “cobrinha”.

MAGOAR AS PEREBAS. *expr.* Reabrir velhas feridas, brincar

com sentimentos, magoar alguém, fazer sofrer.

MAGOTE. *s.* Muitas pessoas reunidas; pequenos grupos de pessoas. “Era um magote de vagabundos”. “Um magote de gente à toa”. “Lá vem um magote de gente”.

MAGRELA. *s.* Bicicleta.

MALA. *s. e adj.* Indivíduo que tem maus procedimentos, com mau caráter. Pilantra. Usa-se também “mala sem alça”.

MAL - A MANHADO. *adj.* Malvestido, mal-arrumado.

MALEITA. *s.* Febre, malária. Infecção causada por protozoários. Maleitas, impaludismo, sezão; treme-treme.

MALINAR. *v.* Fazer o mal, mas esse termo só vale para o mal menor das crianças, a molecagem de meninos e meninas. Malinar é o mesmo que fazer traquinagens, travessuras.

MALINO. *adj.* Danado, traquinas (diz-se de menino).

MAMA NA ÉGUA. *s.* Indivíduo bobo, tolo, sem inteligência. “Fulano é um mama na égua”.

MANCADA. s. Equívoco, erro, falha, muitas vezes involuntária.

MANCHINÉRI. s. Esta nação indígena divide com os Jaminawas a terra indígena Mamoadate, na região do Alto Rio Yaco, que é a maior do Estado do Acre.

MANDI. s. Pequeno peixe de couro, com três esporões, um dorsal e dois laterais. Sua ferrada é muito dolorida. Os mandis sobem os rios para desovar nos meses de julho/agosto. Para quebrar os esporões, usa-se o tronco da bananeira ou cana. É um peixe muito apreciado na culinária acreana. “Chora ao sair da água”. Mandim.

MANDUQUINHA. s. Carro pequeno da polícia; comumente usava-se um fusca.

MANDURI. s. Abelha social indígena (*Melipona marginata*) de 6 a 7mm de comprimento, com colorido negro provido de pelos grisalhos e abdome com faixas amarelas onduladas; guarapu-miúdo, taipeira, tiúba-preta, uruçumirim e mandurim.

MANEIROSO. *adj.* Dotado de boas maneiras; afável, educado, gentil.

MANGA. s. Manga de rio, braço do

rio, volta do rio, região do Juruá, como também nesta região é a rede de pesca. Manga da estrada de seringa. Manga de chuva, chuva localizada.

MANGANGÁ. s. Espécie de marimbondo, caba. Besouro valente, com ferrada dolorida, de cor preta com amarelo e vermelho no nariz. Faz sua casa nos ocos dos paus podres ou no chão.

MANGAR. v. Caçoar. Fazer gozação, fazer pouco, rir de alguém. Ridicularizar.

MANGARÁ. s. Talo do cacho da bananeira, que sustenta os frutos, as bananas.

MANIVA. s. Rama da mandioca, pronta para plantar. Corta-se a rama no tamanho de uma “chave”, do dedo polegar ao indicador da mão.

MANJUBA. s. Órgão sexual masculino. Isca de peixe.

MAPINGUARI. s. É um gigante de quase três metros de altura, parecido com o bicho preguiça, sem rabo e com um olho só, bem no centro da testa. No lugar do umbigo tem um buraco fundo, por onde exala um pixé de seiscentos gambás. Anda ereto quase como um homem, bem mais em pé que

um macaco. Os índios apurinãs dizem que o monstro existe mesmo. Muitos mateiros e ribeirinhos juram ter visto ou conhecer quem já viu o bicho. Mesmo escondido no mais remoto coração da floresta, sua fama vai longe: fala-se nessa lenda do Mapinguari mundo afora.

MAPINGUARI POBRE. s. Primo pobre do Mapinguari, o mapinguari pobre é pequeno, do tamanho de um cachorro grande, e anda de quatro como cachorro. Tem uma pelagem escura, grossa e exala um malcheiro que arrasta com ele uma nuvem de moscas e carapanãs. O infeliz que encontrar com ele tomba febril, efeito do pixé.

MARAJÁ. s. É uma palmeira regional, cheia de espinho no tronco, solta uns cachinhos com frutos verdes. Estes, quando maduros, são pretos e comestíveis. Usa-se o tronco para servir de bucha e para carregar cartuchos de espingarda. Bucha de cartucho.

MARGE. s. O terreno que ladeia um curso de água ou que circunda um lago; beira, orla. No seringal, as moradias são no centro ou na

marge. Corruptela de margem.

MARIOLA. s. Doce de banana, doce de cupuaçu ou de goiaba, em forma de tablete.

MARIRI. s. Cipó alucinógeno. O mesmo que *ayahuasca*. Festa de certas nações indígenas.

MARISCADOR. s. Pescador. Aquele que marisca ou que sabe mariscar, pescar como profissão.

MARISCAR. v. Atividade de pesca em todas as suas formas, muito usada no Juruá. “Vamos mariscar de manga e tarrafa, tá subindo mandi”.

MAROMBA. s. Jirau usado para salvar o gado, porcos e galinhas nas alagações. Cercado em terra firme, ou em cima de uma balsa de troncos de árvores e tábuas.

MARRADA. v. Bater com a cabeça em alguém, como faz o carneiro, ou o touro.

MARRAPAZ. *interj.* Expressão *acreatíssima*. Exprime admiração; desdém; exclamação. Corruptela de “mas rapaz”. Serve para quase tudo: afirmar, negar, duvidar, exclamar, instigar uma explicação ou finalizar um assunto. É a expressão mais corriqueira do *acreatês*,

consagrada pela língua do povo e usada em todos os segmentos sociais, em todas as ocasiões. Por isso, exige explicação mais detalhada. Onde quer que se fale português, o uso do substantivo masculino 'rapaz' precedido da conjunção 'mas', não tem significado autônomo, geralmente se usa para chamar a atenção do interlocutor, no início de uma conversa (“Mas rapaz, eu preciso te contar uma coisa”), no máximo, exprime uma exclamação (“Mas rapaz! Tu não podia ter feito isto”). No Acre, não. A humorada contração dos termos 'mas' e 'rapaz', dita assim: “marrapaz”, de fala emendada, potencializa uma expressão polivalente, usada para quase tudo, podendo traduzir uma exclamação, um sentimento de satisfação ou de insatisfação, uma afirmativa ou negativa, uma certeza ou uma dúvida.

MARRETEIRO. *s. e adj.* Diferentemente de boa parte do país, onde o termo é sinônimo de trapaceiro, vigarista, no Acre e na Amazônia o marreteiro pode ser um cidadão decente, honesto. Trata-se de um comerciante ambulante, uma espécie de

caixeiro-viajante que percorria os seringais viajando pelos rios e varadouros, oferecendo seus produtos diretamente aos seringueiros, quase sempre incomodando os seringalistas donos de barracão.

MARROLHA. *interj.* Presta atenção. Corruptela de “MASOLHA”.

MARUBO. *s.* Nação indígena mais presente no sudoeste do Estado do Amazonas, também ocorre no Acre. Fala a língua Aruba, do tronco linguístico pano.

MARUPIARA. *s. e adj.* Pessoa com sorte no amor, na caça e na pesca. Pessoa feliz na caça ou na pesca. Pessoa feliz nos negócios e no amor. Que conhece todos os mistérios da mata.

MATA-BICHO. *s.* Dose de bebida alcoólica, tomada em jejum; aguardente de cana; cachaça.

MATEIRO. *s.* Caboclo que conhece bem a floresta; profissional com prática de andar na mata; orienta-se pelo Sol e marca os caminhos e as estradas de seringa. É o avô dos trilheiros de hoje. Encarregado de zelar pelas matas ou florestas, indivíduo que retira lenha das matas; lenhador que, por sua grande

vivência em matas cerradas, trabalha como guia para outras pessoas, que abre caminhos na mata para seringueiros ou castanheiros.

MATINTAPEREIRA. s. Ave de pequeno porte. De cor preta com algumas manchas em amarelo. Saci. Martim-Pererê.

MATRINXÃ. s. Peixe de escamas brancas e douradas, nadadeiras vermelhas, com dentição forte; é muito valente, pula fora d'água, muito apreciado na culinária. Tem um tamanho de até 50cm. É muito bom assado na brasa com recheio de temperos regionais, envolto na palha da sororoca ou da bananeira. É pescado geralmente nas águas altas. Gosta das águas correntes limpas e encachoeiradas. Matrinxão; mamuri.

MATROCA. s. Ausência de rumo. Muito usado na locução À MATROCA: ao acaso, à toa, de qualquer jeito.

ME ARIEI. *expr.* Me perdi. “Ah! Estava chovendo na mata e me ariei, rastejando os queixadas”. Me areei, com o primeiro “e” pronunciado “i”.

ME CEGUEI. *expr.* Expressão de medo. Ter muito medo.

MEGANHA. s. Denominação dada aos Guardas Territoriais, que tanto contribuíram para o desenvolvimento desta parte de nosso País. Com a promulgação da Lei nº 4.070, de 15 de junho de 1962, o Território do Acre foi elevado à categoria de Estado.

MEIA-SOLA. s. Só a metade; não concluída. Ato de lavar um carro, só na parte externa: “dar meia-sola”.

MEIOTA. s. Meia garrafa de aguardente. “Me venda uma meiota, põe na conta”. Para medir uma meiota, toma-se a garrafa vazia, coloca-se um copo comum ao lado, quando o líquido chegar à altura do copo, é a medida da “meiota.”

MERENDA. s. Lanche.

MERMO. *adv.* Mesmo. Em um assunto se confirma ou se duvida: “É mermo verdade.” Verdadeiro.

MERUIM. s. Mosquito miúdo, de ferrada dolorida que produz coceira.

MESCLA. s. Mistura de elementos diversos; amálgama, misto. Tipo de pano, tecido.

METIDO. s. e *adj.* Indivíduo apresentado, boçal. Metido a besta.

METRALHADORA DE VIRILHA. *exp.* Órgão sexual masculino.

MEXER. v. Chamar atenção para uma pessoa que vai passando na rua. Usa-se também para quem manteve relações sexuais com uma moça.

MEXERICO. s. Ato ou ação de mexericar; enredo, intriga, bisbilhotice. Confusão ou mistura de vários objetos, de coisas ou de animais que deveriam estar separados. Desordem, balbúrdia.

MIASMAS. s. Emissão mefítica do solo, supostamente nociva, tida como causas de várias doenças endêmicas como, por exemplo, em certos locais, a malária, até que se viesse a conhecer a verdadeira etiologia desta.

MIÇANGA. s. Variedade de coisas miúdas, miudeza, bugiganga.

MIGADO. *adj.* Picado, cortado em pequenos pedaços ou porções. Tabaco migado. “Um moio de tabaco demora para ser migado”.

MIGAR. v. Ato de picar tabaco regional, para ser usado em cigarros. Termo usado no Juruá.

MIOLO DE POTE. *expr.* Conversa fiada, conversa mole. Falar nada. Estamos falando miolo de pote.

MIRAÇÃO. s. Revelações ou viagem produzida por efeito do

chá do santo-daime.

MIÚDOS. s. As vísceras dos animais que são preparadas para alimentação: coração, fígado, rins, etc.

MOCO. s. e *adj.* Indivíduo surdo ou que ouve com dificuldade. Mouco.

MOCÓ. s. Bolsa, mala ou saco de viagem. “Vou arrumar meu mocó ou meu galo”.

MOCORORÓ. s. Designação de várias bebidas frias feitas de arroz, mandioca ou caju, fermentadas.

MOCOTÓ. s. Pata dos animais bovinos destituída do casco e usada como alimento.

MÓI/MOIO. s. Quantidade pequena de alguma coisa; feixe; penca. Folhas de tabaco, fumo em rama, umas em cima das outras, enroladas e amarradas, protegidas por talas de coqueiro. Tabaco regional. “Um 'moio' de tabaco”. Deixam-se curtir as folhas por mais ou menos um mês, para depois migar, para enrolar o cigarro com papelim e fumar ou pitar. Molho (ó), com despalatização.

MÓI/MOIO DE TABACO. s. Folhas de tabaco, fumo em rama. O mesmo que molho (ó).

MONDRONGO. s. Calombo,

inchaço, tumor. Numa estrada de terra, pode haver muitos mondrongos, ou seja, muitas irregularidades de terreno.

MONO. s. Macaco. As pessoas que moram na fronteira do Brasil com a Bolívia chamam o macaco de mono por causa da influência do espanhol.

MONSTRO. s. e *adj.* Muito grande; fora do comum. Pessoa cruel, desnaturada ou horrenda.

¹MONTARIA. s. Lugar onde a caça é incitada a correr, às vezes com perseguição de cães ferozes. A corrida desse tipo de caça; monteada, veação, batida. *Fig.* Perseguição feita por muita gente; assuada.

²MONTARIA. s. É canoa, qualquer canoa pequena. Está certo, se cavalo é montaria, quem tem no rio suas principais estradas, não pode dizer que viaja montado em um jacaré, pirarucu ou tambaqui.

MOQUÉM. s. Grelha em varas para assar ou secar peixes ou carne. Assar carne ou peixe no moquém, moquear.

MORMAÇO. s. O mormaço da floresta não poupa a cidade nem ninguém, dizem que ele influi nos

humores do acreano tanto quanto a pressão arterial e os ciclos lunares. O certo é que, quanto mais abafado o dia, mais quente será a noite e as suas consequências.

MUCICA. s. Repuxe que o pescador dá na linha ante a mordida do peixe na isca do anzol. Sacudidela na linha quando se empina uma pipa.

MUCUIM. s. Inseto minúsculo de cor vermelha, irritante, que se hospeda nas regiões baixas da anatomia das pessoas. Ácaro.

MUÇUM. s. Peixe de igapó, liso, esperto. “O ‘Zé Promessa’ é liso feito muçum”. Indivíduo esperto.

MUCUMBU. s. Bunda, nádegas. Cóccix.

MUCUNZÁ. s. Milho limpo, cozido com leite, açúcar, canela, cravo. Tradicional na semana santa. Chá-de-burro; mugunzá, munguzá.

MUCURA. s. Gambá. Temos a mucura comum e a pequena, conhecida por “xixica”, de cor avermelhada.

MUJANGUÉ. s. No Vale do Acre é assim que chamam uma das iguarias preferidas do seringueiro:

ovo batido em neve com gema e tudo, misturado com farinha e açúcar gramichó. No Vale do Juruá chamam de Arabu. Quanto mais se bate mais cresce, incha. O melhor mujangué é o de ovo do tracajá. Mujanguê.

MUNDIÇA. s. Gente pobre, rude, sem valor. “Tudo mundiça”.

MUNDURU. s. Certa quantidade de terra ou areia.

MUNGANGO. s. Trejeitos, caretas, movimento sugerindo comicidade. Moganga.

MURUMURU. s. Palmeira (*Astrocaryum Murumuru*), muito comum na bacia amazônica. Seus frutos são nozes piriformes e medem uns 5 a 6 cm de comprimento, e as sementes cedem perto de 40% de uma gordura branca que serve na alimentação e para fins cosméticos. Caicumana.

MURURÉ. s. Designação comum dada às árvores da família das moráceas (*brosimopsis acutifolia* e *B. obovata*), da floresta pluvial, que têm receptáculos unissexuais, lenho sem cerne e látex de sabor amargo. Seus frutos amarelos servem de alimento para os pássaros e animais da floresta.

MUTÁ. s. Andaime tosco que o

seringueiro faz no tronco da seringueira para subir, cortar mais no alto, preparar a bandeira para o corte e colher o látex. Na rara possibilidade de um seringueiro tornar-se milionário, dir-se-á que ele “chegou ao alto do mutá”.

MUXINGA. s. Chicote longo, que produz um som semelhante a um tiro de arma de fogo. Serve para tocar os animais.

¹**MUXOXO.** s. Beijo, carícia; estalo com a língua e o céu da boca, por vezes acompanhado da interjeição *ah*, para indicar desprezo ou desdém.

²**MUXOXO.** s. Árvore (*Sapium mannianum* ou *Erytrina fusca*) da família das euforbiáceas, de 20 a 30m de altura, encontrada na região amazônica, em solos pantanosos e ao longo de rios, de casca áspera e preta, seiva leitosa, folhas membranáceas e cápsulas coriáceas, com semente globosa; sapato-do-diabo.

N

NA CUIA GRANDE. *expr.* Fartura de comida ou bebida em um almoço, jantar ou festa. O mesmo que no balde.

NÃO BATER BEM. *expr. id.* Indivíduo meio maluco, abirobado e falante.

NÃO CAÇA AMIZADE COM NINGUÉM. *expr.* Pessoa que não procura amizades. Indivíduo de difícil relacionamento.

NÃO FRESQUE NÃO! *expr.* Pare com essa brincadeira, com essa provocação! Usa--se também “Não fresque”!

NÃO VALE BOSTA. *expr.* Diz-se da pessoa em quem não se deve confiar, não vale nada.

NÃO VALE O QUE O GATO ENTERRA. *expr.* Diz-se da pessoa sem princípios, ou desprovida de valores. Não vale nada. Não vale bosta.

NA PONTA DA RAMA. *expr.* Usa-se para expressar locais distantes; “lá longe”. “Moro na ponta da rama”.

NAS BIQUEIRAS. *expr.* Perto de casa.

NAUA. *s.* Etnia indígena

identificada com a cidade de Cruzeiro do Sul, chamada Terra dos Nauas. Lá você vai ao Teatro dos Nauas, bebe guaraná nauense ou Café Naua e ouve “A voz dos nauas” na principal emissora de rádio. No rio Juruá temos o estirão dos nauas.

NAVALHA DE ROSCA. *s.* Ânus. Cu.

NA ZAPÁ. *expr.* Dor nas costas, dor na pá, dor na parte superior das costas. Dor na escápula, na omoplata.

NEM COM NOJO! *expr. id.* Deixar de realizar uma tarefa ou serviço.

NEM SEU SOUSA. *expr.* Não estar preocupado. Não ter um pingo de medo.

NHACA PURA! *expr. id.* Fedor, pixê.

NO BALDE. *expr.* Muita fartura de comida e bebida. O mesmo que na cuia grande.

NÓ CEGO. *s. e adj.* Indivíduo que dá catrepe, engana. Esperto, mau pagador.

NO QUEBRA. *expr.* De qualquer jeito.

NO RABO DA GATA. *expr.* Em

último lugar; nas últimas colocações em um concurso.

NO TEMPO DO ONÇA. *loc. adv.* Ver “no tempo do ronca”.

NO TEMPO DO RONCA. *loc. adv.* Há muitos anos, faz muito tempo. No tempo do Onça.

NO TRECHO. *expr.* “Engraçado que ninguém usa trecho, assim de forma isolada, para designar estrada, mas todo o mundo fala o

trecho como referência a estrada.” “O marreteiro? Pegou o trecho faz tempo”; “Logo cedo, eu já estava no trecho”.

NUKINI. *s.* Nação indígena nativa de terras entre a Serra do Divisor, no Brasil, e o rio Ucayali, no Peru. Tem um belo trabalho de resgate de tradições e mitos da sua cultura ancestral. Nuquini.

O

O BICHO. s. Indivíduo que tem competência, qualidade, coragem, trabalhador. “É o bicho”.

OBRAR. v. Defecar. Fazer as necessidades fisiológicas.

OLHO DE PEIXE. s. Pimenta ardosa de forte cheiro e paladar.

ONÇA-PÉ-DE-BOI. s. Tipo raro de onça com cascos de boi no lugar das patas dianteiras. O imaginário popular conta que, na ocupação do Acre, nos fins do Século XVII, muitos seringueiros se encontraram com ela, ou com elas. Porque a onça-pé-de-boi, além de feroz, era astuta e só andava em dupla. Quando o seringueiro subia numa árvore, elas ficavam de tocaia: se uma precisava sair, a outra ficava, e nesse regime de plantão não havia saída, uma hora o caboclo cansava e caía, e, senão as duas, pelo menos uma delas estava lá. No imaginário popular chamam de onça-pé-de-boi a mulher brava.

ONTEM AQUI ESTAVA GROSSO. *expr.* Ação de combate à droga e à criminalidade.

ORELHA QUENTE. s. e *adj.* Indivíduo que se irrita facilmente, esquentado. Usa-se também: “É que nem cerveja quente, explode logo”.

OSGA. s. Coisa velha, reles. Sem valor. Lagartixa caseira.

OURANA. s. Vegetação de textura lenhosa branca, com as hastes que tocam nas águas, encontrada às margens dos rios e lagos.

OURICURI. s. Palmeira. Uricuri. Seus ramos, palhas, servem para cobrir as casas dos seringueiros, galpões, galinheiros, etc; frutos grandes em cachos longos, a polpa é de cor amarela, comestível e muito apreciada.

OURO NEGRO. s. Não pense que é petróleo, é borracha. O branco do látex induz a gente a pensar que borracha é branca. Não é; a borracha bruta é preta, porque o látex escurece no processo de defumação, formando uma bola preta. Mas a referência ouro negro acabou custando caro: acreditaram tanto nesse ouro que descuidaram do mercado, e a coisa acabou preta para o extrativismo.

P

PACA. *s.* Pequeno roedor de hábitos noturnos, com a pelagem pintada. Temos a paca concha, com saliências nos queixais, que pesa até 12 quilos; a mirim de mais de 6 quilos, e a paca de rabo, chamada pacarana. Esta última não serve para alimentação. Afirma-se que a paca que mora em buracos convive com a cobra venenosa conhecida por “pico-de-jaca”.

PACATO. *adj.* Em que há paz, tranquilidade; tranquilo, sereno, sossegado.

PACU. *s.* Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo. Corpo comprido, em geral arredondado ou ovalado; nadadeiras dorsais e anais situadas muito atrás. Alimenta-se de frutas e outras substâncias, sendo praticamente onívoro.

PAGELA. *s.* Diário do professor, onde são lançadas a frequência e as avaliações dos alunos.

PAI D'ÉGUA. *s e adj.* Indivíduo de coragem, com muito talento para certos afazeres, ou tarefas. Apaideguado.

PAI D'ÉGUÃO. *s. e adj.* Indivíduo enorme, grandão.

PAIETA. *s.* Hélice. É a velha e eficiente palheta, para impulsionar os barcos, feita de alumínio e é adaptada à rabeta do motor “burro preto” ou motores de centro. Hélice, com duas ou três pontas. No rio Acre, acima de Rio Branco, temos uma localidade denominada Três Palhetas.

PAMONHA. *s. e adj.* Espécie de bolo típico do Norte feito de milho verde, leite de coco, manteiga, canela, erva-doce e açúcar, e cozido em tubos das folhas do próprio milho ou de folhas de bananeira, atados nas extremidades. Diz-se do indivíduo moleirão, preguiçoso, sem vontade, parado, gente mole, molenga.

PAMONHA-MAL-COZIDA. *s. e adj.* Gente mole, molenga. Bobo, tolo.

PAMPEIRO. *s.* Relativo a muita chuva. Geralmente chuva com vento. Chuva forte com vento. É o inverno amazônico.

PANDEIRO. s. Quadril, anca.

PANEIRO. s. Recipiente, vaso para se colocar açúcar gramichó, farinha ou peixe seco, feito de palha de bananeira ou cipó, forrado com folha de sororoca. O peso de um paneiro é de 15 a 18 quilos, ou litros no Juruá.

PANEMA. s. e *adj.* Azar, má sorte. Indivíduo que não tem sorte na caça, sempre tem dificuldades em encontrar peixes. Azarado, idiota.

PANO DE BUNDA. s. Roupa íntima. Usa-se, quando duas pessoas se unem para viver juntas. “Vamos juntar os panos de bunda.”

PAPAGAIO. s. Pipa.

PAPEIRA. s. Caxumba.

PAPELIM. s. Papel fino e recortado, para enrolar o cigarro caseiro. Usa-se o papelim e o tabaco migado para preparar um cigarro.

PAPIRI. s. Casa rústica coberta de palhas de palmeira (jarina, jaci ou uricuri), e as tábuas são de paxiúba ou paxiubinha. Tapiri.

PARIDO. *adj.* Afeiçoado a outro. Que defende ou protege outrem. Fulano é parido por beltrano.

PAROARA. s. Nordeste que

vive na Amazônia. Agenciador de trabalhadores para os antigos seringais da Amazônia.

PARTEJAR MULHER. *expr.* Adular, paquerar, olhar com fim, com vontade de namorar.

PASSADIO. s. O termo é uma espécie de indicador do potencial de caça ou pesca de uma área, uma mata ou seringal. O seringueiro fala: “O seringal São João do Balanceio é bom de passadio”, você já sabe que lá se passa bem, pois o lugar é bom de caça e pescaria, ou, pelo menos, uma das duas. Usa-se para comida e, também, negativamente, quando falta a caça ou o peixe: “Tá ruim de passadio”.

PASSAMENTO. s. Desmaio, mal-estar.

PASSARINHO DE ARROZ. *expr.* Não sou passarinho de arroz. Não sou palhaço. Costuma-se colocar um espantalho no roçado de arroz, para espantar os pássaros.

PASSO DE CRÃ. *expr.* A passo de crã, se não acabar hoje, acaba amanhã. Serviço lento, com muita demora.

PASTORAR. v. Ficar olhando, observar, alguém ou alguma

coisa. Tomar cuidado.

PATOÁ. s. Palmeira cujos frutos se preparam como o açai. Sua cor é marrom claro. Come-se como o açai, inclusive misturado com farinha.

PATO AO MOLHO PARDO. s. Pato cozido com sangue.

PAU DA GATA. s. Local onde as pessoas interioranas na sua maioria e os homens da floresta fazem as suas necessidades fisiológicas. Geralmente é usado um tronco caído, próximo ao tapiri. O pau da gata nos dias de hoje também é usado nas invasões de terras.

PAU-D'ÁGUA. s. Chuva torrencial, geralmente com vento.

PAU DA VENTA. s. Ponta do nariz. Pau do nariz.

PAU DE ARARA. s. Instrumento de tortura: um cano ou pau roliço que, depois de ser passado entre ambos os joelhos e cotovelos flexionados, é suspenso em dois suportes, ficando o torturado de cabeça para baixo e como que de cócoras. Caminhões utilizados para transportar viajantes, geralmente da zona rural para a cidade, em que trazem seus

produtos para a feira. Usa-se também, pejorativamente, com referência a qualquer nordestino.

PAU DE REDE. s. Uma rede amarrada a um pau, vara, conduzida por duas pessoas, para transportar gente doente, principalmente nos seringais, ou uma pessoa que faleceu e é levada para ser sepultada.

PAUL. s. Restos de madeira apodrecida usados como estrume ou esterco do gado, já curtido; serve para adubar jardins, hortas e pomares. Pronúncia corrente: “paú”.

PAU-MULATO. s. Árvore da família das rubiáceas (*Calycophyllum spruceanum*), própria das várzeas dos rios da Amazônia, que se caracteriza pelo tronco retilíneo e revestido e casca muito lisa. Tem folhas obovadas, com ápice agudo, flores e cápsulas pequeninas; sua madeira branca é utilizada em marcenaria. Mulateiro.

PAUSADA. s. No peito e na raça, por cima da pausada.

PAVIOLA. s. Carro de mão sem rodas, constituído de uma caixa com quatro alças, muito usado na construção civil.

PAXIÚBA. s. Palmeira que dá uma madeira muito usada, não pela qualidade, mas por três motivos: dá em todo lugar, é fácil de derrubar e não se estraga com a chuva. Essa madeira, fibrosa e muito resistente, dá excelentes tábuas para paredes, assoalhos e cercas. A paxiúba é o concreto ecológico do seringal, é a mais usada na construção das barracas, tapiris ou depósitos, nas colocações floresta adentro. O tronco é partido ao meio ou em duas bandas; (*Iriartea exorrhiza*) habitante de igapós, ou terras baixas e que mede entre 10 e 15m de altura. O estipe é sustentado por um pedestal de raízes aéreas tão ásperas e duras que servem de ralo, e a madeira é escura e fibrosa. Temos três espécies: **paxiubão**, **paxiúba** e **paxiubinha**, ou paxiubinha de macaco; o tronco é fininho e os macacos comem as frutinhas. Serve como ripa de cerca. Para tirar o “bucha” da paxiúba, tem que bater o pano, bater no tronco com o machado, abrir ao meio e passar a enxada para tirar a polpa (“bucha”); tem uma durabilidade de até 10 anos.

PÉ DE BOI. s. Indivíduo sem educação, grosseiro; pessoa muito trabalhadora, acostumada a cumprir com seus deveres.

PÉ DE BURRO. s. Escada colocada no pé da seringueira, porque a bandeira está alta. Geralmente é feito de um tronco fino, entalhado, que serve de degrau.

PECADO. s. Mulher vistosa, bonita, elegante, bem vestida. “Um pedaço de pecado”.

PÉ DE PRANCHA. s. e *adj.* Indivíduo que tem o pé grande espalmado; lancha.

PEDIR CANOA. *expr.* Pedir socorro, ou desistir de algo, de uma tarefa que não poderá cumprir.

PEDIR PENICO. *expr.* Desistir.

PÉ-DURO. s. Indivíduo sem educação, sem qualificação. Usa-se também para bovinos de raça comum.

PEGAR A BALSA. *expr.* Pegar a balsa significa perder uma eleição. Pegar a balsa e ouvir o choro do surubim é o pior instante da carreira de um político acreano. “Quando um candidato perde a eleição, diz-se que “pegou a balsa” ou “embarcou na balsa”

para Manacapuru. Histórias criadas pelo saudoso advogado, jornalista e professor de direito Aloisio Macedo Maia. Em cada eleição é tradição imprimir uma charge com os viajantes da balsa. Ver “ir na balsa”.

PEGAR CORDA. *expr.* Dar ouvidos, ficar com raiva.

PEIA. *s.* Entenda como uma ressaca do daime. Se o cara não é sangue bom, o daime não vai lhe propiciar uma contemplativa e celestial miração, dá-lhe uma peia: o sujeito apanha de forças terríveis, vê demônios, sobe paredes, sente a morte e sofre as coisas mais terríveis e desagradáveis, enfim, apanha muito, entra na 'peia'. Apanhar muito; sova; surra.

PEITO ABERTO. *loc.* Dores na região torácica. O rezador passa uma faixa de pano, reza, e tira a dor.

PELA. *s.* Bola de borracha, do fabrico do seringueiro, que depois de defumado o leite de seringa, dá uma pela. Seu peso varia conforme a vontade do fabrico.

PELEJAR. *v.* Trabalhar; batalhar pela vida. É comum ouvir-se estou

'pelejando'. 'Pelejando' para conseguir minha casa.

PENAMONIA. *s.* Pneumonia.

PENSO. *adj.* Desnivelado, com tendência para um lado.

PENTE-DE-MACACO. *s.* Árvore, de fruto amarelo que produz bastante espuma. Os frutos são longos e largos, contêm espinhos que se assemelham a um pente. Nos seringais as sementes são usadas como substituto do sabão. Só a arara que come a polpa, as sementes.

PEREMA. *s. e adj.* Mulher dada, oferecida, assanhada, espevitada, alegre. Mais ou menos como no Rio de Janeiro chamam aquelas loucas dos bailes funks de “cachorras”, no interior do Acre as mais espevitadas são chamadas de “peremas”.

PERERECA. *s.* Genitália feminina.

PERNA. *s.* Estrada de seringa, geralmente um desvio da estrada ou uma das pernas, há sempre duas pernas de seringa: a perna da direita e da esquerda, ou uma perna que vai e uma que volta. Caminho na floresta entre um pé e

outro da seringueira, onde se colhe o “leite”, látex, que escorre do tronco da seringueira para a tigela ou tigelinha que fica embutida.

PERNOITAR. v. Ficar durante a noite andando, passar a noite sem dormir. Diz-se: “Estou pernoitado, passei a noite fazendo quarto”.

PETECA. s. No Acre você joga peteca, mas não de palmas espalmadas, e sim dando petecos com os dedos. Aqui peteca é bola de gude, bolinha de vidro de jogar bola ou bolita na maior parte do Brasil. Temos um político que assumiu sua identidade de “Petecão”.

PETISQUEIRA. s. Armário doméstico para guardar comida, petiscos ou louças.

PEXERADA. s. Peixeirada, golpe dado com peixeira, faca cortante.

PIABA. s. Todo peixe branco, pequeno; piabinha. Usa-se para mulher pequena, magra e franzina.

PICO-DE-JACA. s. Cobra peçonhenta venenosa e muito temida. Surucucu-pico-de-jaca.

PILORA. s. Ataque, surto,

doença, desfalecimento, desmaio.

PIMBA. s. Pênis de criança.

PIMBADA. s. Relação sexual; dar uma pimbada. Bimbada.

PINCELADA. s. Bimbada; pimbada; prática sexual.

PINDAÍBA. s. Sem dinheiro, desempregado, na miséria.

PINGUELO. s. Clitóris, pequeno órgão do aparelho sexual feminino.

PINGUIM. s. Gente pequena.

PINTOBA. s. Gente pequena, sem expressão, baixa estatura.

PINTO D'ÁGUA. s. Jaçanã, marrom e cinza, de cabeça vermelha. Pequena ave de açude, de igarapé, de igapó. Frango-d'água.

PIQUE. s. Madeira com sinal para ser derrubada. Caminho rústico na mata, mal se percebe que é um local de passagem.

PIRACEMA. s. Arrojo de peixes para reprodução. Quando os peixes vão para a desova, subindo os rios e igarapés. Escuta-se uma zoada, é o arrojo. No rio Juruá é famosa a piracema de mandi, que geralmente acontece nos meses

de julho e de agosto. No Igarapé Preto, em Cruzeiro do Sul, observa-se o arrojo de piabas da cauda vermelha.

PIRAÍBA. s. É a mãe de todos os peixes. Peixe de couro, grande e arisco, da água doce, com dois metros ou mais de tamanho, pesando 150 quilos ou mais.

PIRAIM. s. Chicote pequeno feito de couro; chicotinho de couro.

PIRANGUEIRO. s. e adj. É o nome dado ao mototaxista que não é ou não está devidamente licenciado. Taxista que não possui veículo e trabalha com os dos outros, é viração.

PIRÃO. s. Papa grossa, feita de farinha de mandioca escaldada, com caldo de peixe temperado ou de galinha caipira.

PIRARUCU. s. O maior peixe de escamas da Amazônia, pode pesar até 250 quilos. Muito apreciado na culinária. Hoje está sendo criado em cativeiro. O pirarucu seco e salgado é o nosso bacalhau. As mantas de carne seca e salgada são enroladas e vendidas como um “fardo” de pirarucu. As escamas servem de lixa.

PISA. s. Peia, surra. Perder em um jogo ou aposta.

PISEIRO. s. Festa, baile barato. Encontro de pessoas com bebida, comida e som.

PISSICA. s. Palpite, pitaco, opinião. “Não venha dar pissica ou pare de dar pissica”. “Não venha dar pissica na minha vida”. Opinião inconveniente no jogo de dominó, para 'sentar' tal pedra.

PISSIRICA. s. e pr. Coisa nenhuma; nada; porra nenhuma.

PITUÍ. s. Sempre ligado à ideia de peixe. Mau cheiro, odor forte; bodum.

PIÚBA. s. Linha comprida que se arremessa com uns 10 anzóis e uma pedra no meio para afundar.

PIÚNA. s. Árvore frutífera da mata virgem, de cuja casca se extrai matéria corante.

PIVÍDIA. s. Doença de galinha, doença na língua da ave, que engrossa, feito uma casca. Cura-se a doença, passando e esfregando, com um dedo, cinza morna na língua. Tirando-se a pivídia, a galinha fica com saúde. Usa-se tirar a pivídia, quando se cura uma pessoa.

PIXÉ. s. Mau cheiro, catinga, fedor. “Tá um pixé que só”.

PIXILINGA. s. e *adj.* Bicho-de-galinha. Piolho-de-galinha; Diz-se também de gente miúda, pequena.

PLAGA. s. Terras. Região. País. Percorrer plagas acreanas.

PLANTAR BANANEIRA. *expr.* Mergulhar em águas rasas do igarapé ou açude é colocar as pernas para fora d’água e cabeça para baixo.

POÇÃO. s. Lugar mais profundo dos rios ou igarapés.

PODE TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA. *expr.* Esqueça o assunto. Sai dessa.

PÕE-MESA. s. Louva-a-Deus, sua presença é indício de esperança, notícia agradável.

POMBA-LESA. s. e *adj.* Indivíduo lerdo, moleirão.

PONTA DE RAMA. s. Último filho, o filho caçula; fim de rama.

POR CIMA DA PAUSADA. *expr.* De qualquer jeito, de qualquer forma. Aos trancos e barrancos, na marra, sem planejamento.

PORAQUÊ ou PORAQUÉ. s. Peixe elétrico, que dá choque.

PORONGA. s. Lamparina que o

seringueiro prende à cabeça quando sai para cortar a seringueira em plena madrugada. Lampião a querosene, ou a óleo, usado nas casas.

PORQUINHO. s. Porco selvagem. Costuma andar em bandos de seis a oito porcos; são menores que os queixadas e se escondem em buracos. Temos o porquinho e o mondé, que tem um faixa branca na lateral e na perna dianteira.

POTE. s. Grande vaso de barro para guardar água, de boca larga e diferentes formas e/ou dimensões. A água se mantém fresca, para beber.

POTOCA. s. Mentira, balela, conversa mole, engano, lampana, lorota.

POTOCAR. s. Dizer potocas, mentiras. Ato de mentir, de enganar. Lorotar.

P O Y A N A W A . s . S ã o considerados os índios mais alegres e comunicativos. Diga-se de passagem, porém, que os poyanawas são um dos povos que quase foram exterminados pelas correrias Viventes do Alto Juruá, rio Moa. Falam a língua do tronco linguístico pano; seus descendentes vivem no “Seringal

Barão” e adjacências, no município de Mâncio Lima.

PRA CAGAR É AMARRADO.

expr. Indivíduo muito valente, intemorato. Brabo, nervoso, sem temor; destemido.

PRANCHA. *s.* Pé grande, com dedos esparramados. Indivíduo de pé grande.

PREÁ. *s.* Mulher parideira.

PREGO. *s.* Indivíduo com cansaço, esgotamento, estafa. Usa-se também quando um veículo ou motor está com defeito: “está no prego”. Enguiço. Espécie de macaco.

PRESEPEIRO. *s. e adj.* Indivíduo escandaloso, exibição exagerada, que apronta, engana e faz presepadas. É Cheio de piadas e brincadeiras de mau gosto.

PROVOCAR. *v.* Vomitar. O mesmo que chamar o raul.

PUPUNHA. *s.* Fruto da pupunheira, que é uma palmeira com o tronco cheio de espinhos. Os frutos são de cor amarela ou vermelha; cozidas, são uma delícia. Usa-se para designar mulher gostosa. Coisa difícil de realizar, dificuldade. “O Zé Croeira, no temporal de ontem,

comeu uma pupunha para chegar ao porto do seringal”.

PURGAR. *v.* Ir a uma festa sem ser convidado. Ação própria de penetra. A pessoa indagada do convite, responde: “Não sou prego para entrar à custa de marreta ou martelo”.

PUXADO. *Adj.* Embriagado, alcoolizado, bêbado.

PUXAR. *v.* Achar-se embriagado, bêbado.

PUXAR TERRA PROS PÉS.

expr. Arrumar problema; encrenca.

Q

QUARTOS. s. Bunda; quadril; região periférica à concavidade anal. Usa-se “Estou com dor nos quartos”. Dor nas costas. “Estou com mal nos quartos”.

QUATIPURU. s. Pequeno esquilo que se alimenta de coco, está sempre com as mãos limpas. É o símbolo da honestidade. Tem o vermelho, o preto e o roxinho (quatimirim). Por alimentar-se basicamente de cocos, ficou conhecido, a par de outras tantas denominações, como papa-coco.

QUEBE. s. Todo salgadinho feito à base de arroz ou mandioca, macaxeira, recheado de carne moída. Bribote.

QUEBRA - PEITO . s . Denominação dada ao tabaco ou fumo forte, cigarro forte, cigarro caseiro, feito com fumo de rolo migado e enrolado em papelim.

QUEBRA. s. Feito no quebra. Realizar tarefas, trabalho ou serviço de qualquer forma. Realizar um negócio, compra e venda, sem avaliar, contar ou pesar. No olho, na marra. Usa-se: “no quebra”.

QUEBRA-COSTELA. s. Abraço vigoroso, abraço de quebrar as costelas. É mais usado no plural.

QUEBRAR. *expr.* Dobrar, ir à esquerda, à direita, virar a esquina. Quebrou a esquina da rua. Usa-se também para dizer de uma relação sexual: “João conseguiu quebrar a Rosinha”.

QUEDE. *adv.* - Cadê? Quedê? Onde está? É forma reduzida de “que é (feito) de”.

QUEIXADA. s. Porco selvagem que anda em bandos de até 200 ou mais indivíduos.

QUELHA. s. Peça de madeira afixada sob a popa dos navios, batelões, canoas, para dar direção à embarcação. O mesmo que quilha.

QUE NEM. *loc.* Como, feito, tal qual, do mesmo modo que: “Maria é loira que nem Luzia”. É termo comparativo; como; tal qual.

QUENGA. s. Vasilha feita de metade de um coco-da-baía. O conteúdo dela; quengo. Mulher, namorada. Diz-se “minha quenguinha”, meu querer, meu amorzinho, amor da minha vida.

Usa-se também para prostituta, meretriz.

QUEPE. s. Chapéu pequeno, boné.

QUER IR VALENDO? *expr.*
Quer apostar? Por dinheiro ou coisa de valor em uma aposta ou jogo.

QUIABO. s. Fruto do quiabeiro.
Órgão genital masculino.

QUILHA. s. Ver “quelha”.

QUINQUILHARIAS. s.
Brinquedos de criança. Joias de fantasia, ou outras miudezas. Bagatelas, ninharia, insignificância.

QUIXÓ. s. Casa de péssima qualidade, moradia ruim.

QUIZUMBA. s. Confusão, bagunça, briga.

R

RABETA. s. Motor de rabeta. Barco regional com motor de rabeta.

RABIOLA. s. Tiras de papel ou plástico, para dar estabilidade ao papagaio; rabo de pipa.

RABISSACA. s. Trejeito com os olhos e a face, ao olhar para alguém com antipatia, censura, com desprezo ou repulsa. Gesto com a cabeça em sinal de desprezo. Dar uma rabissaca.

RABO DE GALO. s. Caldo à base de farinha de mandioca, alho, cebola, pimenta e manteiga, mais um ovo cozido. Caldo de caridade.

RÁDIO CIPÓ. s. No meio da floresta passam de boca em boca as notícias, é a famosa rádio cipó. Espalha-se pelas matas o que acontece na cidade e no mundo, com aquele vizinho distante de até 12 horas de viagem a pé pela mata, varadouros ou rios e igarapés, pelos barcos de rabeta de até cinco dias de viagem. As informações passavam assim. Hoje, com as parabólicas e rádios, a realidade é outra. Temos a nossa Radio Difusora Acreana, “A voz

das Selvas”, com mais de 60 anos de bons serviços, principalmente com as tradicionais mensagens.

RALHAR. v. Falar em voz alta e em tom de repreensão, desabafar a cólera com repreensões. Repreender; admoestar.

RAMERRÃO. s. Repetição fastidiosa, monótona, rotineira. Uso continuado e costumeiro.

RANCHO. s. Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho. Refeição para muitos. Casa, choça, ranchinho ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. Usa-se para comida, feira: “Como tá de rancho”?

RASGA-MORTALHA. s. Ave narceja, suindara. De canto triste.

RASPADEIRA. s. Instrumento com que o seringueiro raspa a seringueira. (Deixe de maldade, não é nada disso que você está pensando). Com a raspadeira o seringueiro raspa a árvore, preparando o local de corte de seringa para extração do látex. Já

o corte exige outro instrumento, a lâmina. “Cabrita”.

RASPADILHA. s. Gelo raspado e colocado em copo, adiciona-se xarope de uma essência (ex. framboesa) e ingere-se como bebida.

RASPAR. v. Patrolar a estrada. Passar a lâmina da patrola ou patrol (motoniveladora) na estrada ou ramal. Rapar.

RATO-CORÓ. s. Rato vermelho, gosta de andar nas capoeiras e nas tabocas. Rato que tem um canto. Anda sempre em dupla. O mesmo que rato-toró.

RATUÍNA. s. Mulher que, além de ser puta, rouba.

REBOJO. s. Redemoinho causado pela água do rio. Tanto é pela ação de tronqueiras ou pedras do leito do rio, quanto pela passagem de uma embarcação.

REBOLAR NO MATO. *expr.* Se lhe mandarem rebolar no mato, não pense que é para dançar o “tchan” na floresta. Aproveite e jogue fora o que tiver levado de inútil. “Rebolar no mato” é botar no lixo, jogar fora algo inútil.

REBULIÇO. s. Grande barulho ou bulício; bulha, agitação, motim, desordem, confusão.

RÉCUA. s. Grupo de bestas ou de burros de carga presos uns aos outros. Carga por eles transportada. Comboio.

REGA-BOFE. *expr.* Festa, farra, pândega, divertimento. Usa-se rala-bucho para festa dançante.

REGATÃO. s. Pequeno comércio em que se vende de tudo numa barca, batelão, que é ao mesmo tempo casa, armazém e escritório, subindo e descendo os rios amazônicos. O regatão adquire os produtos bem mais baratos nas cidades e vende aos seringueiros e ribeirinhos a preços exorbitantes e adquire os produtos regionais. Vendedor que percorre os rios de barco, batelão, parando de lugar em lugar. Que regata, ou que regateia; regateador. Aquele que compra em grosso para vender a retalho.

REGATEAR. v. Questionar acerca do preço de algo, para comprar mais barato; pechinchar; apoucar, diminuir, deprimir, depreciar.

REIMOSO. *adj.* Diz-se da comida pesada que tenha “reima”, faz mal. Tem peixe e caça reimosa. Peixe de couro.

RELHO. s. Chicote de couro

torcido.

RELÓGIO. s. Guaxuma. Planta de raízes profundas, comum nos quintais e roçados. Assim se denomina esta planta, em virtude de suas flores serem amarelas em forma de um pequeno relógio. “Se você me ama, vá arrancar relógio ao meio-dia no mês de agosto”.

REPIQUETE. s. Enchente de rio ou igarapé. O leito do rio ou igarapé enche rápido, assim como a vazante é rápida. Enchente rápida que desce das cabeceiras dos rios, levando rio abaixo batelões, canoas, causando prejuízos aos outros. Massa de água que desce das cabeceiras dos rios, por efeito das primeiras chuvas que ali caem, e que engrossam o caudal do rio, sem, no entanto, haver chovido no resto de seu curso.

RESMELENGAR. v. Resmungar; mostrar-se resmelengue ou resmelengo.

RESVALAR. v. Passar por perto, roçar, passar bem próximo. “A pedra que você jogou em mim, resvalou no meu rosto”.

RIBOMBAR. v. Estrondear, estrondar (trovão). Soar

fortemente; ressoar, retumbar.

RIPADA. s. Dose de cachaça, de pinga. “ - Bota uma dose, vou tomar uma ripada”. Dar uma ripada é manter relação sexual.

RISCAR. v. Chegar, alcançar o lugar, chegar ao pedaço, chegar à praça. “Fulano riscou ali na esquina”.

ROÇADO. s. Terreno onde se roçou ou queimou o mato, estando preparado para o cultivo “dos legumes”, lavouras de milho, arroz, feijão, mandioca.

ROÇA-UMBIGO. s. Festa dançante; arrasta-pé, roça-coxa, mela-coxa.

ROCHA. s. Gente de fibra, coisa inquebrantável. “Fulano é de rocha”. Usa-se “di rocha”.

RODAIGE. s. Estrada principal; rodagem. BR. No seringal estrada é a de seringa de uma madeira (árvore) a outra, para cortar ou colher o leite.

RODILHA. s. Círculo ou rosca de pano que os carregadores põem sobre a cabeça e nela assentam a carga: bujão de gás, caixa com mercadorias ou lata com água.

ROLO. s. Óleo, gasolina, álcool embebido em um pano que serve

de iluminação para os
seringueiros. Facho.

RONCO. s. Relativo a homem
fanfarrão, alardeador, garganta,
goela: “Esse cara só tem ronco”.

ROUBADO E FUMADO DIRETO.

expr. Enganado. Ludibriado.

ROXO. *adj.* Atraído, seduzido,
induzido. Louco de paixão.

RUMA. s. Grande quantidade,
pilha, monte, magote. Era uma
ruma de gente, indo para a festa.

S

SABUGAR. v. Bater em alguém, surrar, sovar, espancar, açoitar.

SAGAZ. *adj.* Quem tem agudeza de espírito; perspicaz, penetrante, arguto. Astuto, astucioso, manhoso, malicioso. Diz-se do animal de montaria que anda desembaraçadamente, que é esperto e veloz.

SALIENTE. *adj.* Diz-se do indivíduo atrevido, pra frente, que quer aparecer, exibido.

SALSEIRO. s. Conflito, confusão, briga.

SAMBURÁ. s. Cesto feito de cipó ou de taboca, bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores para recolher peixe, etc., ou carregar seus petrechos.

SANGRADOURO. s. Sulco ou lugar por onde se desvia parte da água dum rio ou duma fonte; canal natural que comunica duas lagoas, ou dois rios, de uma fonte ou na barragem de um açude ou de uma represa, pelo qual escoa a água excessivamente acumulada; sangrador.

SANGRAR. v. Manter relação sexual. O fulano tanto insistiu que

deu uma sangrada na namorada. Usa-se quando há excesso de água em um açude ou lago, vazou ou passou por cima da barragem pelo excesso de chuva, e sai água pelo sangradouro: “o açude está sangrando”. Ou está sangrando água na torneira.

SANGRAR A CORUJA. *expr.* Beber uma cachaça.

SAPO CANOEIRO. s. Sapo preto com a gola amarela e pinta branca, seu canto tem som estridente e contínuo. Conforme as águas sobem ou descem, ele faz o mesmo nas árvores onde mora.

SAPOPEMA. s. Grandes raízes que afloram nas bordas dos troncos. É muito comum no pé da samaúma. Serve de esconderijo e até para passar uma chuva ou mesmo um pernoite. Sacupema, sapopemba.

SARANTADO. *adj.* Assustado, atônico, pasmado.

SARARÁ. s. e *adj.* Indivíduo que tem pelos ruivos, cor alourada ou arruivada do cabelo muito crespo característico de certos mulatos.

Apelido que os caboclos da Amazônia dão ao cearense.

SARRAPILHEIRA. s. Camada de folhas, galhos, etc., de mistura com terra, que cobre o solo da mata. Designação comum às pequenas raízes que surgem à flor da terra. Variante de serapilheira.

SE ABRIR. *expr.* Sorrir, cair na gargalhada. Achar graça, rindo muito. Gargalhada exagerada.

SE ALUI. *int.* Se esperte. Acorde, abra o olho, fique esperto. Usa-se também “te alui”, com mudança do agente verbal: Te esperta, acorda, abre o olho.

SECURA, s. Desejo intenso. Usa-se para falta de uma bebida alcoólica ou desejo sexual.

SE ENCASTUAR NUMA QUENGA. s. Andar em companhia de mulher falada.

SE OBRAR. *expr.* Sujar-se de matéria fecal. Procurar o sanitário por sólidas razões.

SE PEGAR NO OLHO, CEGA. *expr.* É muito perigoso.

SERINGA. s. Seringueira. Designação da goma-elástica extraída de várias espécies de *Hevea*. Usa-se para designar a planta da seringueira.

SERNAMBI. s. Borracha de baixa qualidade. Restos de látex, colhidos no pé da árvore da seringueira, tem menos valor que a borracha, colhida, defumada ou coalhada. Ver “cernambi”.

SEZÃO. s. Febre intermitente ou periódica, malária. Os músculos ficam doloridos e ataca o baço e o fígado. *Vivax e Falciparum* são os tipos mais comuns de malária.

SHANENAWA. s. Etnia indígena. Vivem praticamente dentro da área urbana de Feijó, onde sua língua do tronco Pano chegou a ser chamada de gíria de índio. O povo Shanenawa perdeu muito da sua identidade cultural. Mas também está conseguindo reunificar sua comunidade, principalmente depois de recuperar território, que fica na Terra Indígena Katukina/Kaxinanawá, nação que também esteve à beira da extinção, mas demonstrou grande disposição de luta e perseverança para recuperar seu reconhecimento como etnia e ampliar suas terras.

SINUCA DE BICO. *expr.* Situação difícil. Sem saída. Usa-se no jogo de bilhar ou de

sinuca.

SIRIBOLO. s. Confusão, algazarra, desavença, luta, furdunço. Seribolo.

SOBROSSO. s. Medo. Receio, temor.

SOCÓ. s. Designação dada a inúmeras espécies de aves ardeídeas. Alimenta-se de peixes e vivem sempre perto de rios, lagos e terrenos encharcados. Andam sempre sós ou aos pares. Os mais comuns são: o azul, boi, maguari e muchila.

SÓ DE MAL. *expr.* Só se comporta assim, para fazer raiva. Por maldade.

SOLA. s. Bife muito duro e seco.

SORORÓ. s. Ruído ou emissão de voz dos moribundos; confusão, briga, distúrbio, sororoca.

SOROROCA. s. Arbusto com uma folha semelhante à da folha de bananeira, ótima para envolver um peixe e assar na brasa, ou envolver cestos ou paneiros para manter farinha, açúcar gramichó ou cereal no seu interior. O mesmo que sororó.

SOSSEGAR O FACHO. *expr.* Ordem para se acalmar, ficar quieto. “Vá sossegar o facho”.

SOVA. s. Fruta verde e gostosa. O leite da madeira serve para calafetar barcos e canoas. Ação de surrar, bater. Surra.

SUCURI. s. Cobra grande. Sucuriju; boiuna.

SUMAÚMA. s. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (*Ceiba pentandra*), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, tapumes, brinquedos.

SURUCUCU. s. Cobra venenosa.

SURURU. s. Algazarra, muita confusão, briga.

SUSTANÇA. s. Comida que dá energia e força. Uma baixaria ou um cozidão é comida de sustança. Corruptela de “sustância”. Substância.

TABACA. s. Órgão sexual feminino.

TABACADA. s. Bofetada, tapa, soco, tabefe.

TABAQUEIRA. s. Bolsa pequena para guardar tabaco. No seringal é feita de pano encauchado.

TABERNA. s. Pequeno comércio. Boteco, botequim.

TÁ BESTA! *expr. id.* Pare de falar besteira.

TABOCAL. s. Bambu da família das gramíneas (*Gadua superba*), da floresta pluvial, cujos colmos medem de 6 a 20m de altura e de 15 a 20cm de diâmetro. As hastes são utilizadas para cerca dos quintais. Bambuzal. Taquaruçu. Na região do rio Purus, município de Manoel Urbano, existe o maior tabocal da região, com tabocas de mais de 20cm de diâmetro.

TÁBUA DA VENTA. s. Fossas nasais.

TÁBUA DO QUEIXO. s. Refere-se à base do queixo.

TACACÁ. s. Iguaria regional de amplos poderes nutritivos e afrodisíacos. Servido na cuia, é

feito com o caldo do tucupi acrescido de goma de mandioca, folhas de jambu e camarão seco.

TÁ DE BODE. *expr.* Está menstruada; está naqueles dias. Usa-se também quando a pessoa está mal-humorada, emburrada.

TAIOBA. s. Batata.

TAIPEIRO. s. Grande prato de comida; exagero à mesa.

TAJÁ. s. Planta de família das aráceas. “É popularíssimo entre os caboclos e seringueiros, centro de superstições assombrosas, tradições medicamentosas. Convenientemente preparada pelo Pajé, o tajá é amuleto ou talismã, obrigando forças de ações defensivas, afastando os inimigos visíveis e invisíveis. Há um tajá para cada desejo humano. Os mais cobiçados são: para defender a casa e a roça do indígena; tajá para fazê-lo bom caçador e bom pescador. Tajá que faz vencer todas as provas e barreiras. Tajá que faz querido das mulheres”.

TALA. s. Pequena lâmina de

madeira retirada da folha do buriti ou ainda de palmeiras para confecção de gaiolas, arapucas e peneiras.

TALAGADA. s. Lambada de pinga tomada de uma vez só. Golada.

TALHADA. s. Pedaco, porção, bocado.

TAMBORETE. s. Banquinho, com três ou quatro pés, banco pequeno. Pessoa de baixa estatura: “Parece um tamborete”. Nesse último sentido usa-se também “tamborete de forró”.

TANAJURA. s. Tipo de formiga, em que a parte do corpo é excessivamente saliente. Retirada do inseto, come-se *in natura* ou é assada no óleo com a farinha. Iguaria muito apreciada.

TÁ NALAPA. *expr.* Está por aí, em lugar incerto; na farra ou no mundo.

TÁ NÃO. *expr.* “Seu Zé tá em casa?” O interlocutor responde –“tá não, saiu pra cortar”. Cortar seringa. Cortar o pé da seringueira, para extrair o “leite”, látex. Saiu para a “colha”, colher o leite.

TANGAR. v. Enganar, dar o

catrepe, não pagar, “veiacar”.

TAPADO. s. Indivíduo de baixo entendimento; gente burra.

TAPEREBÁ. s. Árvore da família das anacardiáceas (*Poupartia amazônica*). O fruto tem cor amarela e possui forma arredondada, de sabor ácido. Usa-se para preparar refrescos, sucos, sorvetes e picolés. Cajá. Umbu.

TAPIOCA. s. Goma de mandioca, peneirada; coloca-se em uma frigideira, até assar, depois se passa manteiga.

TAPIRI. s. Casa rústica de seringueiro, feita de paxiúba e coberta com folhas de palmeira. Cabana, rancho em que se abrigam trabalhadores braçais na época de derrubada da mata para preparar campos para pastagens e roçados. Usa-se: “Vamos para o meu tapiri”, ou seja, para minha casa. Habitação precária e rústica; *casebre, choça, choupana, barraca*.

TAPIUM. s. Marimbondo muito valente. Uma surra de tapium dá até febre. Caba preta com asas brancas. A ferrada é muito dolorida.

TÁ PUBO, PUBO. *expr.* Azedou,

está podre, estragou, não serve mais para alimento, ficou ruim. Pubíssimo, azedíssimo.

TARAUACÁ. s. Rio que banha a cidade que leva o mesmo nome. Tarauacá significa “rio dos paus”.

TARISCA. s. Trata-se das serras ou navalhas que compõem o “caititu”, para ralar a macaxeira ou mandioca a fim de produzir farinha.

TARLATANA. s. Tecido usado para forrar vestes.

TARRAFA. s. Pequena rede de pesca, circular, com chumbo nas bordas e uma corda ao centro, pela qual o pescador arremessa aberta e retira fechada da água, para recolher os peixes.

TARTARUGA. s. Gente vagarosa, lerda. Sem pressa. Réptil da ordem dos quelônios. O macho chama-se capitari.

TARUGO. s. Homem baixo e grosso.

TATU. s. Mamífero desdentado, com seis gêneros no Brasil e aproximadamente 11 espécies. Tatuçu ou tatu-canastra, tatu-quinze-quilos ou rabo chato, tatu verdadeiro, china, rabo de couro, dentre outros. Todos os indivíduos

do mesmo parto têm o mesmo sexo. Esse fator genético recebe o nome de poliembrionia.

¹TAXI. s. Designação comum a certas formigas que se alojam na árvore do ²taxi. Suas ferradas são bastante doloridas, chegando a causar febre. Formiga que sai de dentro da árvore. Temos o taxi preto e o vermelho, este mais dolorido. O mesmo que formiga-de-novato.

²TAXI. s. É uma árvore com jeitão de palmeira e tronco todo coberto de espinhos. Seu fruto mais conhecido é a expressão “abraçar taxi”, que significa encarar uma situação difícil.

TE ALUI! *interj.* Toma jeito. Te alerta, fica esperto. (ver se alui!)

TECO. s. Choque que se dá com a peteca (bola de gude) na outra.

TE MANCA! *interj.* Acorda, cai na real.

TE MANDA! *interj.* Cai fora. Sai daqui.

TERÇADO, s. Facão grande. Traçado. Usa-se para roçar, com o auxílio de um “cambito”, ou seja, uma forquilha de um galho, para puxar o mato. Arma perigosa. “Hoje vou te rolar de terçado como quati faz com cachorro”.

TERNANTEONTEM. *adv.* No dia anterior ao de anteontem (antes de ontem).

TERRA-CAÍDA. *s.* Barrancas e áreas de terreno à beira rio, que cedem à força das vazantes e são tragadas pelas águas. Essa força da natureza é conhecida por “papoco”, que papoca, que quebra, que cai. Em Rio Branco, tínhamos um bairro com o nome de “Papoco”, hoje se chama Dom Giocondo em homenagem a Dom Giocondo Maria Grotti, Bispo, Prelado do Acre-Purus, falecido em acidente aéreo, em avião DC-3, da Cruzeiro do Sul Linhas Aéreas, fato acontecido em 28 de setembro de 1971, nas proximidades da cidade de Sena Madureira.

TERRA FIRME. *s.* Porção alta do terreno nos barrancos, aonde não chegam as inundações. Terra alta, geralmente usada para se plantar feijão, mandioca, milho, etc.

TESOURA. *s.* Gente linguaruda. Serve tanto para o masculino quanto para o feminino. Aplica-se às pessoas de língua maldizente; língua de cobra.

TESTADA. *s.* Desaforo. Receber uma testada é receber um

desaforo, ser maltratado.

TIBUNGAR. *v.* Cair na água, mergulhar, afundar-se.

TICAR. *v.* Ticar o peixe, fazer pequenos cortes no peixe para “pegar” bom tempero e ajudar a separar as espinhas.

TICUM. *s.* Palmeira, tucunzeiro. Usa-se o talo da palha para cordas trançadas e resistentes. Tucumã, airimirim, tucum-do-brejo. O mesmo que tucum.

TIGELINHA. *s.* É uma pequena vasilha, caneco de flandres ou lata usada para colher o leite da seringueira. A tigelinha fica embutida no tronco da seringueira, abaixo do corte, recebendo o leite que o seringueiro colherá mais tarde. A tigela é embutida a cada dois dias.

TIMBÓ. *s.* Nome dado ao sumo de diversas plantas, o qual tem a propriedade de atordoar os peixes que o ingerem, mesmo em pequena quantidade. Falta oxigênio, e o peixe vem para a superfície. A mistura é jogada n'água. Quando o timbó é de boa qualidade e bem preparado, não demora muito para o peixe vir à tona, onde é apanhado sem

dificuldades. A pesca com timbó é usada pelos índios e ribeirinhos.

TINGUIJADA. s. Pescaria feita com o envenenamento do peixe, lançando n'água certas plantas tóxicas como a meladina, melão-de-são-caetano e tingui, de que se origina o termo, tornando-se, assim, facilíma a pesca e sem prejuízo algum à saúde.

TINIDEIRA. s. Situação angustiante, aflição. Estar com muito frio é estar com tinideira.

TIRADA. s. Caminhada, grande extensão de caminho, trecho longo. “Daqui até a casa do compadre Chico Trovão é uma boa tirada”.

TIRANABOIA. s. Digamos que seja uma borboleta lunática. Não que seja maluca. Ao contrário, é que para enganar os predadores, ela muda de cor de acordo com a Lua. Na lua nova é parda, e na lua cheia fica branquinha, “parecendo uma noivinha”. Mas não se engane, vestida de noiva, até borboleta é perigosa – o povo teme a tiranaboia como um dos bichos mais venenosos da floresta. Borboleta branca com

marca no olho, esporão no meio. Às seis horas ela canta, é encontrada nas “madeiras de leite”, nas árvores que produzem seiva: o angelim, o caucho e a seringueira. Jequitiranaboia.

TIRAR LEITE DE PEDRA. *expr.* Fazer ou tentar fazer o impossível.

TIRAR LEITE DE VACA MORTA. *expr.* Lamentar-se de males para os quais não existe remédio.

TIRAR O CAVALO DA CHUVA. *expr.* Desistir de alguma ideia ou pretensão por não haver a possibilidade de êxito. O mesmo que “pode tirar o teu cavalinho da chuva”.

TIRAR O COURO. *expr.* Maltratar, enganar, cobrar mais caro por um produto, mercadoria ou serviço.

TIRITAR. v. Tremer de frio ou de febre alta.

TIRO DE ESPINGARDA. *expr.* Na colocação do seringal, quando a mulher dá à luz, dispara-se um tiro de espingarda para o alto, se for menina; dois tiros, se for menino. Depois vai se beber o mijo.

TITUBEAR. v. Não poder se manter de pé, cambalear. Estar com dúvida.

TIZIN. s. Tio, titio. Forma reduzida

de “tiozinho”.

TOBA. s. O ânus; fiofó; olho da goiaba.

TOCADA. s. Ato de conduzir os animais de um pasto para outro ou de uma fazenda para outra.

TOCOU DE SORTE QUE O MOTOR DEU PREGO. *expr.* A máquina parou, travou.

TOMAR DE CONTA. *expr.* Controlar a área, assumir a situação.

TOMAR UMA RIPADA. *expr.* Beber cachaça de uma só vez. Dar uma ripada é também manter relação sexual.

TOQUEIRO. s. O encarregado de verificar as “estradas” que o seringueiro roça.

TORAR. v. Partir em toras, cortar, fazer pedaços. Usa-se também em referência a relações sexuais: “F. conseguiu torar aquela garota”.

TOREIRO. s. Não é “toureiro”, é toreiro mesmo, e trata-se de trabalhadores que extraem e vendem madeira em tora. A verdade é que, na maioria, os toreiros trabalham na ilegalidade e, por isso mesmo, essa atividade vem sendo cada vez mais questionada. Usa-se caminho-

-toreiro, que transporta toras de madeira.

TORÓ. s. Chuva muito forte; aguaceiro.

TOYOTEIRO. *adj.* Pessoa que dirige um veículo, com tração nas quatro rodas, que anda nos ramais e estradas de difícil acesso, transportando pessoas, mercadorias, aves e pequenos animais domésticos. Usam uma carroceria com toldo e bancos laterais. Fazem a linha, o trecho para a cidade, e vice-versa. Freteiro.

TRACAJÁ. s. Pequena tartaruga de água doce. Seus ovos são apreciados para preparar arabu, mujangué. Usa-se para designar indivíduo de pouca estatura.

TRACUÁ. s. Formiga preta, que tem a propriedade de fabricar certa substância que os índios e seringueiros usam para manter aceso o fogo. A picada do tracuá é terrível. É usual colocar-se diversos tracuás (o de “chifre” é melhor) no cano da espingarda e disparar um tiro para “esquentar”, porque a arma está fria, o tiro não mata a caça. Para “esquentar” a espingarda, usa-se também

colocar o cano em um “igarapé” de água fria, a 'boca' na entrada da água e a saída na outra ponta da espingarda. A cabeça do tracuá fica agarrada no couro das pessoas. Tacuá.

TRÁIRA. *s. e adj.* Peixe comum com os dentes afiados. Pegar traíra é: cochilar, dormir levemente. Não cumpridor de compromissos: “Homem traíra”.

TRAMBOIO. *s.* Gente trabalhosa, complicada, exigente, “é um tramboio”. Coisa intrincada, difícil. Trambolho, com despalatização.

TRAMBOLHO. *s.* Indivíduo ou coisa sem valor. Obstáculo, embaraço. *Ver tramboio.*

TRANQUEIRA. *s. e adj.* Coivara velha no meio da mata, galho de árvore caída no meio do rio ou do igarapé, que impede a passagem de embarcações. Gente intratável, sem educação e de difícil diálogo, grosseira.

TRAPASSADO. *adj.* Passado de fome, com muita fome. Traspassado.

TRAPICHE. *s.* Armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para exportar; armazém-geral.

TRASPASSAR. *v.* Passar através de, atravessar.

“Traspassamos, já tarde, a última volta do igarapé para chegar em casa.” Traspassar.

TRATAR. *v.* Preparar carne, peixe etc., para o cozimento, limpando e/ou cortando e temperando. Além de se tratar o peixe, este, quando miúdo, é ticado. Tratar é o ato de limpar, retirar as escamas, as guelras, os ferrões e as vísceras.

TRESNOITADO. *s. e adj.* Que passa toda a noite, ou parte dela, sem dormir. Insone.

TRISCADO. *adj.* *Diz-se do* indivíduo levemente embriagado, bebido, troviscado, meio embriagado.

TRISCAR. *v.* Tocar levemente.

TRONCHO. *s. e adj.* Indivíduo que anda com dificuldade ou que tenha um comportamento anormal. Mutilado. Torto.

TRONQUEIRA. *s.* Diferente do balseiro, que vai de bubuia na correnteza, a tronqueira é o tronco de madeira que cai n'água e encalha, obstruindo o leito do rio ou igarapé. Traioeira, pode ser submersa e provocar acidentes de navegação, por causa do rebojo das águas.

TROUXA. *s.* Embrulho, geralmente feito com pano, para

guardar ou transportar objetos; grande embrulho; trouxa.

TROVEJAR. *v.* Falar com indignação e veemência, bradar: “Entrou na sala trovejando de tanta raiva”.

TRUPIÇÃO. *s.* Topada, com o pé. O mesmo que trupicão, tropeção e tropeção,

TRUVIANA. *s.* Friagem com vento e chuva. Frente fria com chuva. Geralmente vem do Sul.

TUBIDA. *s.* Tira de borracha. O seringueiro usa uma tubida para fechar a boca do saco onde guarda o “leite”, látex, após a “colha”; colheita. Usa-se a tubida como alça do bernal que se leva a tiracolo.

TUCANDEIRA. *s.* Formiga preta de ferroada muito dolorida. Pode causar febre, e a dor se prolongar por até 24 horas, de causar íngua.

TUCUNARÉ. *s.* Peixe valente da família dos ciclídeos; habita rios e lagos, pode atingir 60cm de comprimento, e os mais comuns atingem até 4 quilos. Na região de Manaus, encontram-se tucunarés de até 20 quilos. É também uma espécie de embarcação.

TUCUPI. *s.* Líquido fermentado, retirado da raiz da mandioca. Usa-se na comida e no tacacá. Preparam-se molhos apimentados. Manipueira. No Juruá denomina-se Manipuera.

TUCUXI. *s.* Uma das espécies de boto. Temos o boto tucuxi, que é de cor cinza com preto, e o cor de rosa ou vermelho.

TUFADO. *adj.* Cheio, até o talo. Com muito dinheiro.

TUNTUM. *s.* Ombros. Usa-se quando se carrega uma pessoa no ombro.

TURCO. *s. e adj.* Designação genérica dada a judeus, sírios, libaneses e outros estrangeiros vindos de qualquer nação do complicado universo multicultural do médio oriente, mas, sobretudo libaneses, que são muitos viventes no Acre. A generalização vem de período em que o poderio otomano andava se alastrando por várias regiões, inclusive o Líbano.

TUREBA. *s. e adj.* Chefe branco. Para o seringueiro, assim como o cacique é chefe índio, tureba é o chefe branco. É o seringalista, o patrão, o doutor, é quem manda. Valentão.

TURINA. s. Ombros (carregar no ombro); mulher de seios grandes; mulher boa de leite; vaca que dá muito leite.

TURU. s. Tapuru do coco da palmeira ouricuri. Serve como excelente isca para pescar. A muitos serve de alimento. Teredo, busano, gusano.

TURUNA. s. e *adj.* Forte, audaz, valente. Indivíduo turuna.

TUXAUA. s. É o chefe indígena, o cacique. O mandão. Usa-se também para o indivíduo de vida

mansa, serena, sem pressa.

TXAÍ. s. Amigo. “Branco amigo”, ou homem branco amigo do índio. Pessoa amiga. Comum a várias nações indígenas, traduz a boa vontade, a disposição de receber bem e fazer amizades, o que custou tão caro aos índios brasileiros e americanos em geral. Mas se o índio é amigo de “txai”, a palavra ganhou sentido indo e voltando na relação de amizade ou cordialidade entre índio e branco.

U

UASCA. s. Também conhecida como Ayahuasca, é usada principalmente como uma religião. [ShamanismindigenouspeoplesUrarinaPeruvianAmazonia\[9 \]Santo Daime Aqueles cujo uso da ayahuasca é realizado em contextos não tradicionais, muitas vezes se alinham com as filosofias e cosmologias associados à ayahuasca, xamanismo praticado entre os povos indígenas como os Urarinas da Amazônia peruana. A religião do Santo Daime usa-a em seus rituais.](#) Auasca, ayahuasca.

UBÁ. s. Canoa primitiva que era usada pelos ribeirinhos dos rios da região. É feita de árvores e de uma só peça de madeira, tendo muita dificuldade de virar (rolar) até pelo seu estilo arredondado. É cavada no tronco de uma árvore; usa-se colocar no fogo para alargar o casco.

UBIM. s. Palmeira. Seus ramos (palhas) são muito utilizados na região para cobertura de casas, canoas e batelões.

ÚLTIMO TIRO NA MACACA. *expr.* Diz-se de uma mulher que

completou 30 anos e não se casou.

ULURI. s. Cinto usado pelas indígenas, para indicar que são comprometidas e estão indisponíveis para praticar sexo.

UMA BANANA PARA TI. *expr.* Dar uma esculhambação. Ofensa grave a alguém apontando-se o dedo médio da mão, como expressão chula.

UMA PALMA DE BANANA. *loc.* Uma penca de bananas. Uma parte do cacho de bananas.

UMA PORRADA. s. Grande quantidade.

UMBAUBAL. s. Mata com muitas umbaúbas. Embaubal, imbaubal.

UMENO. *adv.* Pelo menos. Ao menos.

UM TOPE NA ESTRADA. *expr.* Elevação da estrada.

URANA. s. Arbusto, encontrado nos barrancos dos rios.

URUCU. s. Colorau. Condimento para cozinha retirado da polpa do fruto do urucuzeiro. Uma das primeiras abelhas indígenas domesticadas pelo colono português, seduzido pela

delicadeza e sabor do mel e excelência da cera. É o mel aconselhado nas velhas farmácias. Qualidade de abelhas (mel de Urucu). O mesmo que urucum.

URUCUBA. s. Azar, sorte mesquinha, má sorte, peso, feitiço, panema. Forma reduzida de urucubaca.

URUCURI. s. Palmeira (*Attalea excelsa*) de estipe curto e grosso, que mantém caídas as bainhas das folhas eretas. As nozes

encerram três amêndoas, que possuem cerca de 45% de óleo alimentício, e o palmito é de boa qualidade. A palha serve para cobertura de casas e galpões. Urucari.

URUTAU. s. Jurutau. Ave noturna de rapina, mãe-da-lua; seu canto melancólico é muito estranho. Urutau, ou mãe-da-lua, está rodeado de superstições, espavorindo a gente do campo, personalizando fantasmas e visagens pavorosas.

V

VAI FEDER A CHIFRE QUEIMADO. *expr.* A situação vai ficar tensa, difícil, muito complicada.

VAI TE LASCAR! *interj.* Manifestação de raiva, desprezo ou decepção.

VAI VER QUE FOCINHO DE PORCO NÃO É DO MATO. *expr.* Situação difícil, aperreio, apuros.

VÁ PENTEAR MACACOS. *expr.* Quando uma pessoa está chateando outra, esta diz em forma de desabafo. “Vá pentear macacos”, ou seja, vá embora. É o mesmo que “mandar às favas”.

VARADOURO. *s.* Caminho aberto no interior da mata. “Estrada” no meio da selva, que liga uma “colocação” a outra, onde passa comboio de animais, mulas e bois de carga, levando mercadoria e trazendo borracha ou castanha do “centro” para o barracão ou para a margem. Lugar de pouca profundidade na água, à margem de um rio, onde com frequência ocorre encalhe de embarcações; canal rapidamente aberto entre dois rios, para permitir

deslocamento rápido de um para o outro; canal que liga um brejo ou um lago a um rio; atalho de um rio através da várzea submersa.

VARANDA. *s.* Guarnição de crochê das redes de dormir.

VARAPAU. *s. e adj.* Homem alto, esguio. Muito alto.

VAREJÃO. *s.* É a vara com a qual se impulsiona uma canoa, uma espécie de remo amazônico, digamos. Muito usada quando as águas estão baixas.

VAREJAR. *v.* Navegar em canoa impulsionando-a com uma vara, que não se chama vara, mas varejão.

VAVARU DE GENTE. *s.* Barulho de muita gente, algazarra, alvoroço, gritaria. Corruptela de , “vá-vá-vu”.

VEIO BUSCAR FOGO. *expr.* Ir à casa de um amigo ou vizinho e voltar logo.

VELEIRO. *s. e adj.* Indivíduo esperto, espertinho, sagaz, atento às coisas, sábio. Usa-se para uma caça arisca. Também se usa para os animais domésticos, cavalos, mulas ou bois, que fogem ante a

aproximação de pessoas.

VENTA. s. Nariz. Indivíduo aborrecido, tedioso, enjoado, enfadonho, detestável.

VEXADO. *adj.* Apressado. “Estou vexado para chegar logo em casa”. *Avexado.*

VEXAME. s. Vergonha, ultraje. Pressa. “Passar vexame” é passar vergonha. “Para que tanto vexame?”, para que tanta pressa?

VIPE. s. Esse é bem acreano. Saquinho de frescos congelado. Suco ralo e congelado em saco plástico; geladinho.

VIRAÇÃO. s. Taxista que trabalha em carro de terceiros, atividade realizada geralmente à noite. Trabalho extra para ganhar mais uns trocados ou trabalho não permanente.

VISAGE. s. Algo que dá medo, assombração. Alma penada, fantasma. Corruptela de “visagem”.

VITÓRIA-RÉGIA. s. Planta aquática (*Victoria regia*), da família das ninfeáceas, nativa da América do Sul, de rizoma vertical, folhas planas formando um disco circular de quase 2m de diâmetro, flores solitárias, brancas e suavemente aromáticas, e bagas globosas; as

sementes são feculentas e comestíveis; apé, forno, forno-d'água, forno-de-jaçanã, mururé, rainha-do-lago, uapé, uapê.

VIXE. *interj.* Expressa admiração, espanto, nojo, medo. *Vixe Nossa Senhora! Vixe nossa, que coisa! Vixe, é cada uma!*

VOADOR. s. e *adj.* Bobo, abobalhado, tonto, tolo. Usa-se também para cheque sem fundos, cheque voador.

VOGA. s. Remador de embarcação miúda que serve de guia para que os outros remadores tenham a mesma cadência. Frase atribuída ao Cel. Mâncio Lima: “meu motor são os caboco, os caboco não dá prego, o motor dá”.

VOTE (Ô). *interj.* Expressa indignação, repugnância, repulsa.

X

XABOCADO. *adj.* Furado, roto, cheio de buracos.

XABOQUE. *s.* Parte de pele arrancada com uma topada, tropicção no solo ou em um toco, tijolo, geralmente no dedão do pé; ou por lesão causada por instrumento cortante ou perfurante ou por dentada. Indivíduo que possui nariz de xaboque. Nariz chato com as narinas alargadas. O mesmo que chaboque e chamboque, formas preferíveis.

XELELÉU. *s. e adj.* Indivíduo que sempre anda com o chefe. Bajulador. Puxa-saco.

XERIMBABO. *s. e adj.* Lacaio, puxa-saco, baba-ovo, bajulador. Aplica-se também como substantivo a qualquer animal de estimação.

XIBÉ. *s.* Receita especial da culinária do seringueiro. É uma mistura de farinha, açúcar gramichó (açúcar mascavo) e água. É uma versão doce e mais nobre da jacuba (farinha, sal e água); no seringal o açúcar era bem mais caro que o sal.

XIBIU. *s.* Vagina, xibio, xinim.

XIRIMBABO. *s. e adj.* Amigo, lacaio, puxa-saco, baba-ovo, bajulador. Variante de xerimbabo.

XIXÁ. *s.* Árvore alta, de tronco grosso e ereto, da família das esterculiáceas (*Sterculia apetala*), de flores e pétalas, com cálice avermelhado.

XIXI. *s.* Chuva fininha, aquela chuvinha que passa o dia pingando. Conhecida como engana besta ou molha besta. Garoa, xixixi.

XOTINHO MIÚDO. *loc.* Modo de andar sacudindo o corpo com passos pequenos. Passos apressados e miúdos.

Y

YAGÉ. *s.* Um dos tantos nomes pelos quais se chama o chá do Santo-Daime.

Z

ZAGAIÁ. *s.* Arpão com três dentes, para fisgar peixes. Lança curta. Órgão sexual masculino. Azagaia.

ZAMBETA. *s. e adj.* Indivíduo vesgo, zanolho, estrábico, de olhar enviesado ou trocado. Diz-se também do indivíduo que tem os pés ou as pernas tortas. Zambo, cambaio.

ZAMBOADO. *s. e adj.* Indivíduo zangado, raivoso. Zangado.

ZANOLHO. *adj.* Vesgo, estrábico, cego de um olho, zanolho.

ZÉ. *s.* Forma abreviada (aférese) de José: Zé Louro, Zé do Copo, Zé do Pife, Zé Antônio, Zé Buchinho, Zé Croera, Zé do Cavaco.

ZERO-BALA. *adj.* Pronto, disposto.

ZIQUIZIRA. *s.* Coisa inexplicável, mal-estar, alguma

coisa estranha no corpo. Azar, má sorte, urucubaca.

ZORRA. *s.* Carroça sem rodas, em que se carregam produtos regionais. Arrasta-se um boi na canga, puxando a zorra, dois paus presos na canga. Arrasto. Carroça.

ZUADA. *s.* Barulho; zunido; zumbido. Zoada.

ZUADENTO. *s. e adj.* Indivíduo barulhento, que fala alto e com gestos. Ruidoso, zoadento.

ZURUÓ. *adj.* Amalucado, adoidado, estonteado.

Referências

- ACREANIDADE: o tempero e a força dos povos da floresta. s.n.t.
- ALMEIDA, F.; SOUZA, M. L. S. **Mestre Antônio Geraldo e o Santo Daime**. 2ª. ed. Rio Branco: Preview, 2008.
- ALMEIDA, M. B. de; CUNHA, M. C. da. Org. **Enciclopédia da floresta: O Alto Juruá, práticas e conhecimentos das populações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BADER, C. E. S.; OLIVEIRA, M. da G. de Q. **Educação ambiental para alfabetizar**. Rio Branco: IPECAO, 1985.
- BARAHUNA, E. **Estórias amazônicas**. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.
- BARBOSA, A. D.; RANZI, A.; SCHAAN, D. P. **Geoglifos: paisagens da Amazônia Ocidental**. Rio Branco: GKNORONHA, 2010.
- BARROS, G. R. **A Presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá (1912-1915)**. [Brasília]: Senado Federal, Centro Gráfico.
- BATISTA, J. de A. **Menino da rua do Bagaço**. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2009.
- BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural**. 3.ed. Manaus: Valer, 2009.
- BERNARDE, P. S. **Serpentes peçonhentas e acidentes ofídicos**. Curitiba: Anolis Books, 2012.
- BIAVA, M. de L. **Bibliografia do Acre**. Brasília: EMPRAPA-DID, 1981.
- CARLOS, J. Org. **Coletânea de poesias acreanas**. Rio Branco: Cia. Teatro 4º fuso, 1981.
- CASAGRANDE, C. R. M. **Desgarrados do pago, mas agarrados à nova querência: o “ser” gaúcho em Rio Branco**. 2007. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Filosofia, Comunicação e Ciências Sociais, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2007.
- CASTRO, F. **A selva**. [Rio Branco]: Fundação Cultural do Acre, 1998.
- CASTRO, G. de. **O Estado independente do Acre e J. Plácido de Castro: excertos históricos**. 2. ed. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.
- CORDEIRO, M. L.; Schmink, M. Rio Branco: **a cidade da Florestania**. Belém: EDUFPA, 2008.
- COSTA, A. L. R. M. F. da. **Madeira que cupim não rói: Xapuri em arquitetura (1913-1945)**. Rio Branco: Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, 2002.
- COSTA, J. C. **A conquista do deserto ocidental: subsídios para a história**

do Território do Acre. 2ª.ed. São Paulo: Nacional, 1973.

COSTA, J. C. **A conquista do deserto ocidental**: subsídios para a história do Território do Acre. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

CUNHA, E. da. **Um paraíso perdido**: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 1998.

CUNHA, E. da. **Comissão mista brasileiro-peruana**: extrato do relatório da comissão mista brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purús. Rio Branco: Printac, 2006.

FERRARINI, S. A. **Rio Purus**: história, cultura, ecologia. São Paulo: FTD, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4ª.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FONROBERT, G. W. **O caminho da ayahuasca**. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2012.

FONTES, J. A. **Páginas da Amazônia**: proseando na floresta. São Paulo: Editora K2 MKT, 2006.

FRANCO, A. A. de M.; TOCANTINS, L. (Org) **Euclides da Cunha**: Um paraíso perdido (ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia). Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FREIRE, S. **Amazônês**: Expressões e termos usados no Amazonas. Manaus: Valer, 2011.

FUNDAÇÃO Municipal de Cultura Garibaldi Brasil. (Org) **Nova literatura acreana**. Rio Branco: FGB, 2008.

FUNDAÇÃO Municipal de Cultura Garibaldi Brasil. (Org) **Nova literatura acreana**. Rio Branco: FGB, 2009.

GADELHA, M. **Dicionário de cearáns**: termos e expressões populares do Ceará. 6ª.ed. São Paulo: Clio Editora, 2010.

HOUAISS, **Dicionário eletrônico Houaiss**, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

JORGE, L. C. M. **Última chamada para Manacapuru**: sejam bem-vindos políticos históricos. Rio Branco: Gráfica Printac, 2003.

JÚNIOR, N. **Livro dos Hinários**: Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo. [S.I.]. Senado Federal, Centro Gráfico.

JÚNIOR, G. M. **Brava gente acreana**. Brasília: Senado Federal.

JÚNIOR, G. M. **O tratado de limites Brasil-Peru**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

KALUME, J. **Elevação do Território do Acre a Estado**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

KALUME, J. **A cultura nordestina na Amazônia**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

KIUCHI, T.; SHIREMAN, B. **O que a floresta tropical nos ensinou**: lições da natureza para a Empresa. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

LEAL, O. **Sem Terras na Amazônia**. São Paulo: Canal 6, 2009.

LEITE, J. C. **Tão Acre**: O Humor Acreano de todos os Tempos. Rio Branco: Gráfica Globo, 1992.

LEITE, J. C. **Tão Acre**: o humor acreano de todos os tempos II. Rio Branco: Parque Gráfico do TJAC, 2009.

LIMA, C. de A. **Plácido de Castro**: um caudilho contra o imperialismo. 6.ed. Manaus: Valer, 2008.

MACEDO, M. V. A. **Vida e morte na Amazônia Indígena**: as invasões madeireiras e os povos Ashaninka. Rio Branco: Edufac, 2009.

MACIEL, J. M.; MACIEL, V. **Um século de história**: uma biografia de Adilis Nogueira Maciel. s.n.t.

MANASFI, M. K. M. **Dossiê Chico Mendes**: cobertura de imprensa. Rio Branco: Tribunal de Justiça do Estado do Acre, 2001.

MARIGO, L. C.; MELLO, Thiago de. **Amazonas**: Pátria da água – Water Heartland. São Paulo: Boccato, 2007.

MARINS, F. **Territórios de bravos**. s.n.t.

MARTINELLO, S. **Corações de borracha**. Rio Branco: Gráfica Printac, 2004.

MARTINELLO, S. **Acre onde o vento faz a curva**. Rio Branco: Gráfica Printac, 2010.

MATOS, C.; PARAVICINI, J.; RIBEIRO, J. M. **Os anos do conflito**. Rio Branco: Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre.

MEDEIROS, O. de. **Jamaxí**: a poesia do Acre em três tempos (hoje, ontem e anteontem). Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1979.

MEIRA, A. **Autonomia acreana**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.53.

MEIRA, S. A. de B. A. **Epopéia do Acre: batalhas do ouro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1974.

MELO, A. A. de. **Álbum fotográfico**: encontro da história do Acre – Estado 50 anos. 2ª ed. Rio Branco: [s.n.], 2012.

MELO, G. B. de. **Dicionário de acreanês**. Rio Branco: Bagaço, 2009.

MELO, H. **Os mistérios da caça**: “do seringueiro para o seringueiro”. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1985.

MELO, H. **As experiências do caçador**: “do seringueiro para o seringueiro”. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1985.

MELO, H. **Histórias da Amazônia**: “do seringueiro para o seringueiro”. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1986.

MIGUEIS, T. **Poesias e textos, num mundo natural, sentimental e**

popular. Rio de Janeiro: Jotanesi, 1988.

MODESTO, M. **Dicionário de termos populares do Acre:** pesquisa linguística. Rio Branco: FEM, 2006.

NEVES, M. V. S.; SILVA, M. R. da. **Cruzeiro do Sul:** um século 1904-2004. s.n.t.

NUNES, J. de B. **Memórias de um seringueiro.** Rio Branco: Tico-tico, 1996.

OLIVEIRA, E. F. M. de. **Educação básica no Acre, 1962-1983:** imposição política ou pressão social? Rio Branco: E.F.M, 2000.

OLIVEIRA, R. A. de. **Revolução Acreana e o Acre atual.** [Rio Branco]: Fundação Cultural.65.

PEREIRA, B. **Memórias de um seringal.** [Rio Branco]: Emplak.

PESSOA, E. da S. **Trabalhadores da floresta do Alto Juruá:** cultura e cidadania na Amazônia. 2ª.ed. Rio Branco: Eudfac, 2007.

PIZA, D. **Amazônia de Euclides:** viagem de volta a um paraíso perdido. s.n.t.

POTYGUARA, J. **Terra caída.** 2ª.ed. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto, 1986.

POTYGUARA, J. **Terra caída.** 3ª.ed. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

RAMOS, J. **A guerra dos seringueiros.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

RANCY, C. M. D. **Raízes do Acre (1870-1912).** Rio Branco: Falangola Editora, 1986.

RANZI, A. **Paleoecologia da Amazônia:** megafauna do pleistoceno. Florianópolis: Ed. da UFSC. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2000.

RANZI, T. J. D. **Geoglifos do Acre e a proteção de Sítios arqueológicos no Brasil.** Rio Branco: Printac, 2011.

REIS, A. C. F. **A amazônia e a cobiça internacional.** 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

RIBEIRO, V.G. **Aquicultura:** tartaruga - da - Amazônia. Rio Branco: Estância Terra, 2010.

RODRIGUES, R. M. **A fauna da Amazônia.** Belém: CEJUP, 1992. 217 p.

SANTANA, C. C. de.; SILVEIRA, V. V. da. **Por trás do verso e da melodia do hino acreano.** Rio Branco: Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, 2002.

SILVA, J. A. F. da. **Centenário de fundação da cidade de Cruzeiro do Sul (1904-2004).** Rio Branco: Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, 2004.

SILVA, M. F. F. da. **A emigração nordestina para a Amazônia em 1877:** uma tentativa de colonização pela administração provincial. Rio Branco:

1997.

SIMON, P. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2009.

SOUZA, J. F. de. **Festa de São Sebastião (Xapuri)**. [Rio Branco]: Editora

Galvez. SOUZA, M. **Galvez, Imperador do Acre**. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1976.

SOUZA, M. **O empate contra Chico Mendes**. 2.ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, R.F. **Arigó**. São Paulo: Scortecci, 2004.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**.

7^a. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

TOCANTINS, L. **Formação histórica do Acre**. 4. ed. Brasília: Senado Federal, 2001.

v varapau
mbito timbó
ambi tibungar
pé bacuri
na varejão
tapiri macetão
a aoprado aquiry
cabide

ISBN 978-85-8236-046-0



APOIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO ESTADO DO ACRE